



Tools4Inclusion

MANUAL

para atividades educativas
informais inclusivas

Índice

◆ Conteúdo

1. IniciativaTools4Inclusion	4
2. O Manual.....	7
2.1. <i>Objetivos e metas do manual</i>	<i>7</i>
2.1. <i>A quem se destina este Manual?.....</i>	<i>8</i>
2.1. <i>Como utilizar este Manual?.....</i>	<i>8</i>
2.1. <i>Palavras-chave</i>	<i>9</i>
3. Inclusão	11
3.1. <i>A importância da inclusão social.....</i>	<i>11</i>
3.2. <i>Uma abordagem abrangente para promover a inclusão social na educação</i>	<i>13</i>
4. Metodologia Tools4Inclusion	16
4.1. <i>Estrutura do programa.....</i>	<i>16</i>
4.2. <i>Partes interessadas</i>	<i>17</i>
5. Formação de facilitadores jovens	24
5.1. <i>Recrutamento e Seleção.....</i>	<i>24</i>
5.2. <i>Trabalhar com facilitadores jovens.....</i>	<i>26</i>
5.3. <i>Programas dos cursos de formação</i>	<i>27</i>
5.4. <i>Estrutura da Formação</i>	<i>30</i>
5.5. <i>Materiais de formação.....</i>	<i>34</i>
6. Sessões inclusivas para crianças	49
6.1. <i>Recrutamento e Seleção.....</i>	<i>49</i>
6.2. <i>Estrutura do semestre</i>	<i>50</i>
6.3. <i>Estrutura e conteúdo das sessões</i>	<i>54</i>
6.4. <i>Gestão de riscos</i>	<i>57</i>
7. Referências.....	60

Iniciativa Tools4Inclusion

1. IniciativaTools4Inclusion

O projeto Tools4Inclusion (T4I) tem como objetivo capacitar jovens (dos 15 aos 25 anos), tanto de grupos majoritários como minoritários, para que se tornem cidadãos responsáveis e ativamente empenhados na redução das desigualdades sociais. No centro desta iniciativa está o princípio da inclusão, alcançado através da colaboração entre jovens de grupos minoritários e majoritários, que recebem formação abrangente e organizam sessões educativas inclusivas para crianças (dos 13 aos 15 anos) de diversas origens.

O projeto adota uma abordagem complexa para promover o envolvimento cívico dos jovens, exigindo a cooperação entre várias partes interessadas, incluindo crianças, animadores juvenis, pais, professores e profissionais de ONG. Esta estratégia oferece benefícios duplos, enriquecendo as atitudes, os conhecimentos e as competências tanto dos jovens como das crianças:

- ♦ Os **animadores juvenis** adquirem a capacidade de realizar atividades adaptadas a crianças de origens diversas, ao concluírem uma formação desenvolvida por especialistas e ao animarem sessões inclusivas num ambiente socioculturalmente complexo.
- ♦ As **crianças** beneficiam não só de atividades educativas, como o reforço das competências de comunicação e de resolução de problemas, mas também dos efeitos formadores de atitudes decorrentes do contacto intergrupais positivo

A iniciativa T4I envolve a colaboração entre três países e quatro organizações: Bagázs Közhasznú Egyesület (Hungria), Aproximar-Cooperativa de Solidariedade Social (Portugal), Universidade Eötvös Loránd (Hungria) e The Foundation for Global Human Dignity (Malta) [posteriormente: Human Dignity in Action (Bélgica)].

O objetivo do projeto é desenvolver e implementar programas educativos inclusivos nestes países, dirigidos a jovens e crianças de diversas origens. No futuro,

a T4I pretende alargar o seu alcance, incluindo mais países para ampliar o seu impacto em toda a Europa.



O Manual

2. O Manual

2.1. Objetivos e metas do manual

Este manual serve de guia para a implementação da iniciativa Tools4Inclusion (T4I) em toda a Europa. O nosso objetivo é colmatar a lacuna entre o conhecimento teórico e a implementação prática no terreno, oferecendo assim uma visão geral tanto dos fundamentos teóricos como da implementação prática da iniciativa.

Dado o duplo enfoque deste projeto (facilitadores jovens e crianças), o manual fornece orientações sobre a formação de equipas de facilitadores jovens étnica, cultural e socioeconomicamente diversificadas e, subsequentemente, sobre a implementação de sessões inclusivas para crianças com a ajuda destas equipas.

Ao ler este manual, os leitores poderão adquirir conhecimentos sobre:



2.1. A quem se destina este Manual?

Este manual destina-se a profissionais da área da educação — tais como professores, pedagogos sociais, assistentes sociais e formadores — que pretendam aprofundar os seus conhecimentos sobre como capacitar e envolver ativamente grupos diversificados de jovens ou implementar um programa T4I na sua escola ou comunidade.

2.1. Como utilizar este Manual?

Encorajamos os profissionais a encararem este manual como uma ferramenta que faz a ponte entre a teoria e a prática e a aprofundarem-se nos conhecimentos aqui reunidos, seja para compreender melhor o conceito de inclusão, seja para implementar plenamente um programa inclusivo na sua comunidade. Para obter uma visão geral da implementação prática do programa abrangente T4I, consulte o gráfico de Gantt na página 22.

Capítulo 3 apresenta os fundamentos teóricos, oferecendo uma visão geral concisa, mas informativa, sobre a inclusão social e a educação inclusiva. Proporciona ainda uma introdução à abordagem abrangente necessária para apoiar a inclusão de crianças e jovens de diversas origens étnicas, culturais e socioeconómicas.

Capítulo 4 centra-se nos aspetos metodológicos da implementação do programa T4I. Os leitores irão adquirir uma compreensão detalhada da estrutura do programa e das funções e responsabilidades das suas diversas partes interessadas.

Capítulo 5 orienta os leitores ao longo da formação de facilitadores de jovens, oferecendo informações sobre os materiais de formação. Os temas principais incluem o perfil dos facilitadores de jovens e estratégias para lidar com as suas diversas origens.

Capítulo 6 explora a implementação de sessões inclusivas para crianças. Aborda o recrutamento de crianças, a organização de um semestre e de sessões individuais, bem como a gestão de riscos ao longo de toda a iniciativa.

2.1. Palavras-chave

Inclusão social; Diversidade, Juventude; Empoderamento; Formação de jovens; Intervenção com crianças.

Inclusão

3. Inclusão

Compreender os fundamentos teóricos é crucial para o sucesso da iniciativa T4I. Esta intervenção orientada por dados combina conhecimentos teóricos com ferramentas práticas, garantindo que os nossos esforços se baseiem em práticas fundamentadas em dados. Ao integrar estes elementos, a T4I cria um programa abrangente que dota os participantes das competências e dos conhecimentos necessários para abordar eficazmente questões sociais complexas.

Capítulo 3:

- ◆ Destaca a importância da inclusão social das crianças (3.1. A Importância da Inclusão Social).
- ◆ Explica a abordagem complexa deste programa em matéria de inclusão (Capítulo 3.2. Abordagem Complexa para Promover a Inclusão Social na Educação).

3.1. A importância da inclusão social

Do ponto de vista dos jovens, a **inclusão social** é o processo através do qual os indivíduos concretizam o seu potencial na sociedade, obtêm o reconhecimento e a aceitação das instituições sociais e se integram na rede de relações sociais de uma comunidade. Isto pode ocorrer através da educação, do trabalho, do voluntariado ou de outras formas de participação ativa. A inclusão social capacita os indivíduos a envolverem-se ativamente na vida social (Conselho da Europa e Comissão Europeia, s.d.).

Em contrapartida, a **exclusão social** caracteriza-se pelo isolamento e pela rutura das ligações sociais entre os indivíduos e a sociedade (Conselho da Europa e Comissão Europeia, s.d.). Marginaliza grupos específicos, restringindo o seu acesso aos benefícios e serviços sociais disponíveis para as populações maioritárias (Galabuzi, 2004). As crianças provenientes de minorias étnicas, culturais e religiosas são particularmente vulneráveis à exclusão social. Em ambientes onde a inclusão social não é priorizada, a vitimização pelos pares, a rejeição e a falta de amigos são mais comuns (Juvonen et al., 2019). Além disso, a exclusão social e o preconceito percebido afetam negativamente o bem-estar psicológico e prejudicam o progresso académico (Hood et al., 2016).

Os **contextos educativos** desempenham um papel fundamental na formação das atitudes intergrupais das crianças (Cooper & Slavin, 2001) e na promoção de comportamentos pró-sociais (Alan, 2021), incentivando a inclusão e colmatando as diferenças socioculturais. A inclusão na educação pode assumir muitas formas, respondendo às necessidades das crianças com deficiência (Amado et al., 2013), dos refugiados e imigrantes (Aarsaether, 2021), daquelas com línguas maternas diferentes (Juvonen et al., 2019) ou das crianças em situação de desvantagem social (Veland, 2009). No entanto, a inclusão social vai além da integração física. Um ambiente educativo socialmente inclusivo garante o acesso equitativo a bens sociais, tais como oportunidades de aprendizagem (Lister, 1998), e facilita relações harmoniosas, nomeadamente entre alunos de diversas origens étnicas (Juvonen et al., 2019).

Promover a **inclusão na educação** requer soluções específicas que respondam às necessidades dos grupos marginalizados. As intervenções educativas inclusivas são práticas reconhecidas a nível mundial, concebidas para proporcionar oportunidades iguais a todas as crianças (Tristiani, 2019). Estas intervenções incluem frequentemente estratégias como o estabelecimento de objetivos comuns para a sala de aula e a adoção de métodos de ensino inclusivos (Juvonen et al., 2019). A formação em **competências sociais** é especialmente eficaz para crianças em risco de exclusão, uma vez que potencia interações sociais positivas (Denham et al., 2009).

Outra estratégia de grande impacto consiste na promoção do **contacto intergrupais positivo**, que reduz o preconceito e melhora as relações intergrupais quando determinadas condições são cumpridas: igualdade de estatuto entre os grupos, objetivos partilhados, cooperação e apoio autoritário (Allport, 1954). As intervenções de contacto intergrupais que cumprem estas condições fomentam a compreensão e a empatia entre grupos diversos, reduzindo as tensões sociais e promovendo a inclusão (Pettigrew & Tropp, 2006).

O projeto T4I integra estas práticas através da formação de facilitadores jovens e de sessões inclusivas para crianças. Ao tirar partido do contacto intergrupais positivo e da formação em competências sociais, o T4I aborda a complexidade dos sistemas sociais que influenciam as crianças e os jovens, incluindo os seus ambientes escolares e familiares.

3.2. Uma abordagem abrangente para promover a inclusão social na educação

O projeto T4I adota uma **abordagem complexa para promover a inclusão social**, baseada na Teoria dos Sistemas Ecológicos de Bronfenbrenner (1979), que destaca a interação entre os ambientes sociais primário e secundário da criança. O ambiente primário inclui a família e a comunidade próxima, enquanto o secundário abrange o contexto escolar. Intervenções inclusivas eficazes, tal como sublinhado por Radó (2017), exigem que se aborde ambos os sistemas. Isto implica práticas diferenciadas, procedimentos institucionalizados, capacidade de inclusão sustentada e envolvimento ativo dos pais. Reconhecendo estas interligações, a iniciativa T4I envolve as partes interessadas de cada camada dos ambientes sociais das crianças, incluindo jovens facilitadores, profissionais de ONG, professores e pais, para apoiar de forma colaborativa a inclusão social.

Apresentamos a seguir uma visão geral das vantagens da adoção de uma abordagem complexa, sendo que as descrições detalhadas do papel de cada parte interessada constam no Capítulo 4.2: Partes interessadas.



Do ponto de vista das crianças participantes, **os jovens facilitadores** desempenham um papel único enquanto «quase pares» (Solomon, 2024), que atuam como modelos com os quais as crianças se identificam. A sua presença promove a confiança e a inspiração entre as crianças, enquanto proporciona oportunidades de desenvolvimento significativas para os próprios facilitadores. A investigação demonstra que o envolvimento em iniciativas semelhantes dota os jovens de competências para lidar com contextos diversos, resolver conflitos, chegar a compromissos e demonstrar empatia (Krauss & Suandi, 2008). Assim, o envolvimento dos jovens facilitadores cria uma dinâmica recíproca da qual tanto os facilitadores como as crianças beneficiam.



Os professores são igualmente fundamentais para promover a inclusão social das crianças. Quando os educadores estão devidamente preparados para gerir salas de aula etnicamente diversificadas e dispõem de orientações e recursos inclusivos, podem capacitar os alunos e promover interações significativas entre grupos (Keles, 2021). Por outro lado, uma formação inadequada dos professores ou práticas pedagógicas com preconceitos raciais podem perpetuar a marginalização. Por exemplo, os alunos ciganos são frequentemente alvo de expectativas reduzidas devido a perceções racializadas das suas capacidades (Messing, 2017). A iniciativa T4I aborda esta questão, dotando os professores de estratégias e metodologias inclusivas,

permitindo-lhes apoiar o contacto intergrupar positivo na qualidade de figuras de autoridade, uma condição essencial para uma interação bem-sucedida (Allport, 1954; ver Capítulo 3.1: A Importância da Inclusão Social).



Os pais também desempenham um papel central no sucesso académico e na adaptação social dos seus filhos (Bempechat, 1992).

O seu envolvimento é crucial para promover a inclusão social no contexto educativo (Gonzalez-Falcón et al., 2022). Intervenções no terreno demonstraram o valor do envolvimento dos pais na promoção da inclusão, seja através de atividades de desenvolvimento de competências, de uma melhor comunicação entre professores e pais, ou de plataformas que permitam aos pais e às crianças expressarem as suas necessidades (Keles, 2021). No âmbito do quadro T4I, os pais são encorajados a apoiar e motivar a participação dos seus filhos, ao mesmo tempo que estabelecem laços mais fortes com os professores para reforçar os esforços de inclusão.

Metodologia Tools4Inclusion

4. Metodologia Tools4Inclusion

A metodologia T4I consiste em duas fases interligadas: formação e intervenção. Envolve várias partes interessadas, incluindo profissionais de ONG, professores, pais, animadores juvenis e crianças, cuja participação é crucial para o sucesso do programa. Ao abordar os ecossistemas complexos em que as crianças vivem e interagem, o programa alarga os benefícios da inclusão para além dos participantes, estendendo-os às suas escolas, famílias e comunidades em geral.

Capítulo 4:

Apresenta as duas fases do programa T4I (Capítulo 4.1. Estrutura do Programa).

Descreve em pormenor o contexto, as funções e as responsabilidades de todas as partes interessadas (Capítulo 4.2. Partes interessadas).

4.1. Estrutura do programa

Formação: Formar e capacitar os animadores juvenis

A primeira fase da iniciativa T4I centra-se em dotar os facilitadores jovens (com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos) das competências necessárias para conduzir sessões inclusivas destinadas a crianças (ver Capítulo 5: Formação de Facilitadores Jovens). Esta fase combina formação online e presencial para apresentar a metodologia T4I e as técnicas essenciais de facilitação.

Os dois objetivos principais são:

Criar um ambiente inclusivo para os facilitadores jovens, quer provenham de contextos maioritários quer minoritários, promovendo uma colaboração eficaz.

Preparar os facilitadores jovens para liderarem ativamente sessões inclusivas destinadas a crianças.

Trabalhar num ambiente inclusivo, em que todos têm o mesmo estatuto, beneficia todos os jovens facilitadores (ver Capítulo 3.1: A Importância da Inclusão Social). Os jovens pertencentes a grupos maioritários adquirem uma compreensão mais profunda e uma ligação mais forte com as comunidades minoritárias, alargando as suas perspetivas e promovendo a inclusão. Os jovens pertencentes a grupos minoritários beneficiam ao assumirem papéis de liderança, adquirindo competências valiosas e construindo redes de apoio. Este contexto capacita-os a tornarem-se agentes de mudança nas suas comunidades, reforçando a capacidade coletiva para enfrentar futuros desafios e oportunidades.

Intervenção: Organização de programas inclusivos para crianças

A segunda fase dá ênfase à aplicação prática das competências dos facilitadores juvenis através de sessões inclusivas destinadas a crianças dos 13 aos 15 anos, provenientes de contextos diversos (ver Capítulo 6: Sessões Inclusivas para Crianças).

Os objetivos desta fase são:

- Proporcionar aos animadores juvenis experiência prática na organização de sessões inclusivas, sob a orientação de profissionais de ONG e professores.
- Criar um ambiente onde as crianças possam construir relações positivas com os seus pares, ultrapassando as barreiras sociais, reforçando as suas competências sociais e promovendo a inclusão.

Para as crianças provenientes de grupos majoritários, as sessões proporcionam o contacto com ambientes diversos e interações para além dos seus círculos sociais habituais, ajudando a reduzir preconceitos durante uma fase formativa do desenvolvimento. Para as crianças pertencentes a grupos minoritários, as sessões proporcionam um ambiente inclusivo para praticarem competências de adaptação social e mobilidade, preparando-as para contextos desconhecidos. O envolvimento dos pais é crucial para o sucesso desta fase.

4.2. Partes interessadas

Conforme detalhado no Capítulo 3.2: *Abordagem complexa para promover a inclusão social na educação*, a iniciativa T4I recorre a uma abordagem complexa que requer a participação ativa de várias partes interessadas para implementar com sucesso a segunda fase do programa: a intervenção (ver Capítulo 4.1: Estrutura do programa). Os principais agentes da iniciativa T4I são os facilitadores jovens, que constituem o cerne do programa através dos seus papéis centrais tanto na fase de formação como na de intervenção. Os pais, os professores e os profissionais de ONG prestam um apoio essencial no planeamento, facilitação e promoção das atividades do programa.

Embora o envolvimento de múltiplas partes interessadas seja vital para o sucesso do programa, também pode dar origem a desafios, particularmente no que diz respeito ao esclarecimento de papéis e responsabilidades. Para resolver esta questão, fornecemos uma descrição detalhada das contribuições de cada parte interessada, permitindo que as escolas ou organizações implementem o programa T4I de forma eficaz nos seus contextos. Para minimizar a confusão ou a dispersão

de responsabilidades, recomendamos que se definam claramente todas as funções das partes interessadas durante a fase inicial de planeamento do projeto (ver gráfico de Gantt na página 22).

Crianças



As crianças participam na fase de intervenção do programa T4I e têm, normalmente, entre **13 e 15 anos**, representando tanto as comunidades maioritárias como as minoritárias. Embora se sugira que pelo menos um terço do grupo seja composto por crianças de comunidades marginalizadas, as escolas e as organizações devem adaptar esta orientação aos seus contextos específicos. As crianças participam em sessões educativas e envolvem-se em atividades destinadas a promover o desenvolvimento pessoal, a partilha de conhecimentos, a aceitação e a inclusão. As crianças provenientes de contextos minoritários podem necessitar de apoio adicional devido às suas origens socioeconómicas e socioculturais desfavorecidas. Este apoio deve ser prestado por profissionais de ONG (ver abaixo: Profissionais de ONG) ou por professores (ver abaixo: Professores)

Facilitadores Jovens



Os facilitadores jovens, com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos, são fundamentais para o programa T4I, participando tanto na fase de formação como na fase de intervenção. Sugere-se que pelo menos um terço dos facilitadores provenha de contextos desfavorecidos, embora este valor possa ser ajustado em função do contexto local. Estes voluntários recebem uma formação abrangente (tanto online como presencial) para adquirirem as competências necessárias para planear e facilitar sessões inclusivas para crianças. Durante a fase de intervenção, os facilitadores jovens preparam e conduzem estas sessões com a orientação profissional de professores e profissionais de ONG, aplicando os conhecimentos adquiridos durante a formação.

Pais



O **envolvimento dos pais é fundamental** para o sucesso das atividades das crianças na fase de intervenção do programa T4I (ver Capítulo 3.2. Abordagem complexa para promover a inclusão social na educação). Os pais, tanto de grupos minoritários como da maioria, apoiam a participação dos seus filhos dando o seu consentimento, motivando-os e orientando o seu comportamento. **Participam em reuniões de pais e professores e nas sessões das crianças**, conforme necessário, dependendo da sua

disponibilidade e mobilidade. Especialmente no caso dos pais de meios socioeconómicos mais desfavorecidos, poderá ser necessário apoio adicional (por exemplo, organização de transporte), que deverá ser prestado por profissionais de ONG ou coordenado com os professores responsáveis. Os professores mantêm contacto regular com os pais para os manter informados e envolvidos, garantindo um feedback contínuo e uma participação ativa.

Profissionais de ONG



Os profissionais das ONG trazem conhecimentos especializados em diversidade, inclusão e educação não formal, contribuindo significativamente para o programa T4I. As funções que lhes são sugeridas incluem apresentar o projeto às partes interessadas, ajudar no recrutamento de facilitadores jovens, ministrar formação e apoiar a fase de intervenção. Podem também fornecer ferramentas e recursos, supervisionar as sessões das crianças e manter a comunicação com as escolas e os pais. Se as sessões se realizarem num contexto educativo formal, os professores podem assumir algumas destas responsabilidades. No caso do projeto-piloto T4I, os profissionais das quatro organizações parceiras (Bagázs, Aproximar, GHD, ELTE) desempenharam este papel. Os líderes de grupo das ONG também podem orientar a implementação do programa (ver abaixo: Líderes de Grupo).

Professores



Os professores de qualquer disciplina podem participar no programa T4I, desde que estejam motivados a promover a diversidade e a inclusão. O seu papel é fundamental para legitimar a iniciativa, proporcionando apoio institucionalizado, um fator-chave para o sucesso do contacto intergrupal (ver 3.1: A Importância da Inclusão Social). Os professores também contribuem ao partilharem as suas perspetivas sobre as competências e necessidades das crianças participantes, ajudando a adaptar as sessões de forma a promover a inclusão.

Os professores podem envolver-se no programa de duas formas principais:

- **Como principais pontos de contacto entre os pais e os profissionais das ONG:** Num contexto educativo não formal, os professores assumem normalmente um papel mais passivo. Não são obrigados a frequentar a Formação de Facilitadores Jovens e podem optar por participar ou não nas sessões com as crianças. No entanto, coordenam a participação das crianças (e, por vezes, dos facilitadores juvenis), atuam como principal ponto de

contacto para os pais e organizam reuniões de pais e professores durante a fase de intervenção.

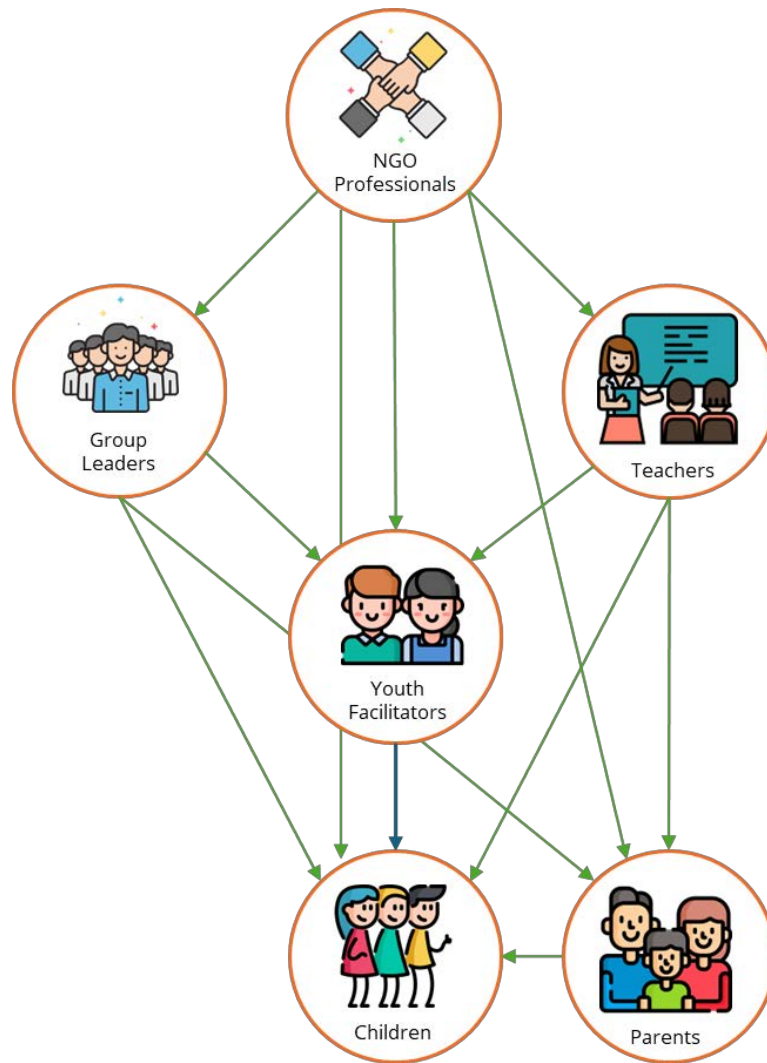
- **Como líderes de grupo:** Num contexto educativo formal, os professores podem assumir um papel ativo, semelhante ao dos profissionais de ONG (ver acima: Profissionais de ONG). Isto inclui organizar e participar em formações para facilitadores jovens, supervisionar e apoiar os facilitadores jovens durante as sessões com as crianças, organizar reuniões entre pais e professores e servir de ponto de contacto principal para os pais. Para desempenhar esta função, os professores precisam de competências em gestão de grupos, compreensão das dinâmicas inter e intragrupo e conhecimento das necessidades e competências das crianças e dos facilitadores jovens.

Líderes de Grupo



Os líderes de grupo supervisionam a implementação do projeto T4I. Se as sessões com as crianças forem organizadas num contexto educativo informal (por exemplo, num centro comunitário local ou nas instalações de uma ONG), os profissionais da ONG devem assumir esta função. Se as sessões forem organizadas num contexto educativo formal (por exemplo, numa escola), os professores também podem assumir a função de líderes de grupo. Para evitar a dispersão de responsabilidades e facilitar o bom andamento do projeto, recomenda-se decidir quem serão os líderes de grupo durante a preparação inicial do projeto (ver gráfico de Gantt na página 18).

Quer sejam os profissionais da ONG ou os professores a assumir esta função, as principais tarefas dos líderes de grupo incluem supervisionar o recrutamento e a formação dos facilitadores jovens, orientar e apoiar os facilitadores jovens durante a fase de intervenção e garantir a implementação harmoniosa do programa. Os líderes de grupo devem participar na formação dos jovens, nas sessões de preparação para as sessões com as crianças, nas próprias sessões com as crianças e nas reuniões de pais e professores.





Partes Interessadas	Tarefas	Preparação Inicial	Fase 1: Formação de Facilitadores Jovens			Fase 2: Sessões Inclusivas para Crianças		
			Antes da formação	Durante a formação	Após a formação	Antes das sessões	Durante as sessões	Após as sessões
Profissionais de ONG	Familiarização com o programa T4i	Familiarização						
	leitura do Manual, materiais de formação	Líderes de grupo*						
	Definição de funções e atribuição de líderes de grupo*							
	Preparação dos materiais de formação de facilitadores jovens		Materiais de formação					
	Recrutamento de facilitadores jovens		Recrutamento de jovens					
	Organização e realização das formações de facilitadores jovens			Organização e realização da formação				
	Avaliação da formação com os facilitadores				Avaliação			
	Contacto com escolas e professores					Contacto com escolas e professores		
	Disponibilização dos recursos necessários a todas as partes interessadas						Disponibilização de recursos	
	Supervisão dos facilitadores jovens durante as sessões com as crianças						Apoio aos facilitadores jovens	
	Avaliação das sessões com as crianças							Avaliação
Professores	Participação na formação de facilitadores jovens**			Participação na formação**				
	Participação nas sessões inclusivas para crianças (jornal)**						Participação nas sessões**	
	Contacto com os encarregados de educação						Contacto com os encarregados de educação	
	Participação nas reuniões de pais e professores							Conferência P-E
Facilitadores Jovens	Conclusão da formação T4i			Conclusão da formação				
	Participação nas reuniões para preparar as sessões inclusivas					Preparação		
	Facilitação das sessões com as crianças						Facilitação das sessões	
Pais	Consentimento para a participação do facilitador jovem (18+)		Consentimento parental			Consentimento parental		
	Consentimento para a participação das crianças						Apoio à participação das crianças	
	Apoio à participação das crianças							
	Participação nas reuniões de pais e professores							Conferência P-E
Crianças	Participação nas sessões inclusivas						Participação nas sessões	

F I M
D O
P R O
G R A
M A

* No programa Tools4Inclusion, a função de líderes de grupo é normalmente desempenhada por profissionais de ONG. No entanto, caso as sessões com as crianças decorram num contexto educativo formal, os professores também podem assumir esta função.

**O nível de envolvimento dos professores depende de assumirem um papel mais ativo ou mais passivo no programa. O seu nível de atividade depende das sessões com as crianças decorrerem num contexto educativo formal ou não formal.

Formação de Facilitadores Juvenis

5. Formação de facilitadores jovens

Este capítulo centra-se nos facilitadores jovens, que constituem a pedra angular do programa T4I. Estes facilitadores são voluntários que dedicam generosamente o seu tempo à iniciativa, sem qualquer expectativa de remuneração monetária. O seu papel é essencial para garantir o sucesso e o impacto do programa (ver Capítulo 3.2. Abordagem complexa para promover a inclusão social na educação). Consequentemente, os líderes dos grupos T4I devem reconhecer as contribuições vitais dos facilitadores jovens e adotar uma abordagem estratégica na sua gestão. Ao compreender as suas necessidades, os líderes de grupo e os formadores podem desenvolver estratégias personalizadas para o recrutamento, o envolvimento e a retenção. Por último, proporcionar um programa de formação abrangente é crucial para dotar os facilitadores jovens das competências necessárias para liderarem eficazmente programas inclusivos para crianças.

Capítulo 5:

- ♦ Apresenta orientações para o recrutamento e a seleção de facilitadores jovens (5.1. Recrutamento e Seleção).
- ♦ Apresenta métodos eficazes para envolver e trabalhar com jovens (5.2. Trabalhar com Facilitadores Jovens).
- ♦ Oferece uma visão sobre as práticas mais recentes em matéria de formação de facilitadores jovens (5.3. Programas dos Cursos de Formação).

5.1. Recrutamento e Seleção

Recrutamento

O recrutamento de facilitadores jovens é um passo fundamental para garantir o sucesso do programa T4I. Para recrutar eficazmente voluntários jovens empenhados, comece por identificar o seu grupo-alvo: tenha em conta os contextos de minorias e maiorias relevantes na sua comunidade e a faixa etária adequada para os facilitadores jovens (é aconselhável que os facilitadores tenham idades semelhantes entre si). Para atrair potenciais facilitadores jovens, destaque os benefícios do voluntariado, tais como oportunidades de crescimento pessoal e profissional, desenvolvimento de liderança, experiência de serviço comunitário e aquisição de competências. A organização de sessões informativas ou webinars pode fornecer detalhes sobre o programa, os seus objetivos e as funções e responsabilidades dos facilitadores jovens, bem como responder a perguntas e

interagir com os candidatos interessados. Para alcançar um público mais vasto, estabeleça parcerias com escolas, universidades e organizações juvenis, e utilize vários canais, tais como redes sociais, quadros de avisos escolares, centros comunitários e ONG locais. Considere recorrer ao seu grupo de voluntários já existente. Poderá haver pessoas que já possuam competências essenciais para o programa T4I, o que também pode fomentar o seu sentimento de pertença e envolvimento.

Seleção

Para o processo de seleção, aconselhamos que comece por um formulário de candidatura claro e conciso, de modo a obter informações essenciais sobre os candidatos, tais como o seu percurso, motivação e experiência relevante (existem muitos sites gratuitos, online e fáceis de utilizar, como o Google Forms e o Survey Monkey, que podem ser utilizados para este fim). Recomendamos também a realização de entrevistas para avaliar o entusiasmo dos candidatos, as suas competências de comunicação, a vontade de aprender, a capacidade de trabalhar em equipa e a adequação aos valores e objetivos do programa. Preste especial atenção à garantia da proporção recomendada (um terço) de jovens facilitadores pertencentes a minorias no grupo, de modo a promover a inclusão. Notifique os candidatos selecionados e forneça-lhes informações detalhadas sobre o calendário da formação e as expectativas. Uma sessão de integração pode ajudar a dar-lhes as boas-vindas ao programa e a apresentar-lhes uma visão geral das suas funções e responsabilidades.

Se pretender implementar o programa T4I num ambiente escolar, ambos os procedimentos são mais fáceis de concretizar. No entanto, para que o recrutamento e a seleção sejam bem-sucedidos num contexto escolar, recomendamos a utilização de todos os canais de comunicação disponíveis na escola para promover o programa e incentivar a participação dos alunos. É igualmente importante realizar sessões de informação e esclarecimento, garantindo que os alunos não se sintam perdidos ou confusos quanto aos objetivos do programa ou ao seu papel no mesmo. Se for considerado relevante, o programa T4I pode ser integrado de forma harmoniosa em unidades curriculares suplementares ou complementar as ofertas educativas não formais disponibilizadas pela escola.

5.2. Trabalhar com facilitadores jovens

Assim que o programa contar com um grupo diversificado de facilitadores jovens, é importante mantê-los motivados a aprender e a envolver-se, garantindo a sua participação contínua. O objetivo é reter os facilitadores jovens durante vários semestres. É fundamental elaborar uma estratégia eficaz de gestão de voluntários, uma vez que o sucesso da iniciativa T4I pode ser amplamente influenciado por ela, quer impulsionando-a, quer prejudicando-a. Seguem-se algumas orientações sobre como gerir os facilitadores jovens para garantir o sucesso do programa.

Envolver facilitadores jovens de origens minoritárias

Para criar um ambiente de aprendizagem inclusivo, o programa T4I sugere que pelo menos um terço dos facilitadores jovens provenha de comunidades minoritárias, de acordo com as origens das crianças na fase de intervenção (ver Capítulo 4.2. Partes interessadas). Os facilitadores jovens trazem um conhecimento em primeira mão das suas próprias necessidades, desafios e recursos, contribuindo para a conceção e execução de sessões para crianças que tenham em conta as especificidades culturais e garantindo que as vozes das comunidades desfavorecidas sejam ouvidas e respeitadas. Por conseguinte, aconselhamos os líderes de grupo a encararem os jovens de minorias como um recurso e a certificarem-se de que os envolvem no planeamento e na execução das atividades das crianças.

Saliente a contribuição para o objetivo do programa

É essencial reforçar a importância das contribuições dos facilitadores jovens. Salientar o impacto mais alargado do seu empenho nos sistemas e nas questões sociais ajuda-os a compreender de que forma os seus esforços nos programas T4I respondem a desafios sociais mais amplos. Reconhecer e comunicar o propósito subjacente ao seu trabalho promove uma ligação mais profunda à iniciativa T4I, reforçando o envolvimento e a dedicação. Esta abordagem ajuda os jovens a perceber o impacto mais alargado dos seus papéis, motivando-os a contribuir de forma consistente e dedicada.

Definir objetivos claros para o programa

Estabelecer objetivos claros proporciona orientação e sentido aos facilitadores jovens. Ajudá-los a compreender os objetivos para os quais estão a trabalhar aumenta a sua motivação e envolvimento. Metas claras reforçam a responsabilização e a transparência, uma vez que os facilitadores jovens sabem o que se espera deles e como as suas contribuições apoiam o sucesso do programa

T4I. Isto promove um sentido de responsabilidade e de pertença, levando a um maior empenho e dedicação. Definir metas com os facilitadores jovens pode ser uma ferramenta útil no final da formação, antes do início das atividades das crianças.

Implementar uma formação abrangente

Investir num programa de formação abrangente é fundamental para dotar os facilitadores jovens das competências necessárias para terem sucesso. Ao garantir que recebem uma formação completa, o programa T4I capacita os facilitadores jovens e assegura padrões elevados para programas infantis inclusivos. A secção seguinte irá aprofundar os pormenores do programa de formação dos facilitadores jovens, descrevendo os métodos e conteúdos que irão preparar os jovens voluntários para os seus papéis cruciais na iniciativa T4I.

5.3. Programas dos cursos de formação

Objetivos da formação

O Programa de Formação de Facilitadores Jovens T4I foi concebido para proporcionar aos facilitadores juvenis os conhecimentos e as ferramentas necessárias para planear e realizar, de forma eficaz e segura, sessões inclusivas para crianças. Além disso, o programa visa sensibilizá-los para os aspetos fundamentais da inclusão, promovendo o desenvolvimento de comunidades mais tolerantes e coesas.

Resultados de aprendizagem

Os resultados de aprendizagem são de dois tipos:

- ☐ Adquirir conhecimentos teóricos sobre inclusão, multiculturalismo e comunicação assertiva.
- ☐ Desenvolver competências práticas para moderar e gerir eficazmente um grupo de crianças.

Formato e métodos de aprendizagem

A Formação de Facilitadores Jovens T4I foi concebida com uma combinação de conteúdos de ensino à distância (assíncronos) e sessões presenciais (síncronas). O objetivo é fomentar os conhecimentos e a autonomia dos jovens facilitadores para que possam liderar atividades com crianças que promovam a inclusão e o respeito pela diversidade.

Sessões assíncronas (Ensino à distância)	Sessões síncronas (Presenciais)
A plataforma de aprendizagem utilizada pelos facilitadores jovens é disponibilizada pela Bagázs e pode ser acedida em https://download.neting.hu/review/neting/bagazs/t4i/#/dashboard . Espera-se que os facilitadores jovens analisem o conteúdo online antes de participarem nas sessões presenciais.	As sessões presenciais dão ênfase à discussão de conceitos-chave e debates, incentivando simultaneamente os participantes a partilharem as suas experiências. Estas sessões incluem exercícios, dinâmicas de grupo, simulações e outras atividades interativas para reforçar os conhecimentos adquiridos.

Visão geral dos módulos de formação

A Formação de Facilitadores Jovens do T4I está estruturada em seis módulos. Seguem-se os principais resultados de aprendizagem de cada módulo:

Modulo 1 Introdução	Modulo 2 Compreender as crianças
◆ Saiba mais sobre a iniciativa T4I e os seus objetivos. ◆ Compreenda a importância de debater a inclusão e a diversidade.	◆ Aprender sobre o desenvolvimento e as necessidades das crianças. ◆ Aprender a gerir grupos de crianças. ◆ Desenvolver técnicas para envolver as crianças de forma eficaz. ◆ Criar um ambiente seguro e acolhedor para a partilha.
Modulo 3 Gestão de Grupos	Modulo 4 Multiculturalismo
◆ Aprender estratégias de gestão de conflitos no contexto da intervenção. ◆ Gerir diferentes comportamentos e emoções no seio de um grupo. ◆ Promover o espírito de equipa e a colaboração. ◆ Adquirir ferramentas para lidar eficazmente com grupos diversificados. ◆ Avaliar o processo e os resultados da intervenção.	◆ Compreender o conceito de multiculturalismo. ◆ Aprender estratégias para promover o respeito e a aceitação em relação a diferentes culturas. ◆ Aprender a gerir a diversidade e a promover a empatia. ◆ Refletir sobre a inclusão e a importância de uma abordagem inclusiva no contexto escolar.
Modulo 5 Autoconceito e autoestima	Modulo 6 Comunicação
◆ Desenvolva a autoconsciência e compreenda os seus próprios pontos fortes e áreas a melhorar.	◆ Conheça os diferentes tipos e estilos de comunicação. ◆ Reconheça e pratique a comunicação

◆ Explore o conceito de inteligência emocional e as estratégias para a desenvolver. ◆ Aprenda a estabelecer limites pessoais, respeitando sempre os outros.	assertiva e a escuta ativa. ◆ Adquira estratégias para uma comunicação empática e assertiva. ◆ Identifique e supere os obstáculos mais comuns à comunicação eficaz.
--	---

Carga de trabalho

A Formação de Facilitadores Jovens do T4I tem uma duração total de 16,5 horas, distribuídas da seguinte forma:

- ☐ **12 horas de sessões presenciais síncronas.**
- ☐ **4,5 horas de conteúdos online assíncronos.**

	Presencial (horas)	Online (Atas)
M1 Introdução	1	45
M2 Compreender as crianças	2	45
M3 Gestão de grupos	3	45
M4 Multiculturalismo	2	45
M5 Autoconceito e autoestima	2	45
M6 Comunicação	2	45
Total	12	4.5 horas

O calendário para a realização destas 16,5 horas de formação deve ser definido por cada escola ou organização. A formação pode ser ministrada num formato compacto, ao longo de dois ou três dias completos, ou distribuída ao longo de um a dois meses, com sessões semanais.

Metodologia de Monitorização e Avaliação

O T4I avalia tanto os jovens participantes como os formadores que ministraram as sessões de formação, a fim de avaliar a viabilidade e a eficácia dos programas do curso de formação.

No que diz respeito aos jovens participantes:

- ☐ Avaliar o impacto dos programas curriculares nos jovens facilitadores participantes, pedindo-lhes que preencham um questionário antes e depois da formação, que avalie as suas atitudes em relação à diversidade, às minorias étnicas e à orientação para a dominância social, bem como o seu pensamento crítico.
- ☐ Avaliar a experiência dos jovens facilitadores em relação aos programas curriculares, utilizando métodos qualitativos, pedindo-lhes que participem numa entrevista de grupo após a última sessão da formação.

Com os treinadores:

- ☐ Avaliar a viabilidade das sessões síncronas, questionando os formadores sobre o recrutamento, o número de jovens que se candidataram e concluíram a formação, as interações entre os participantes e o nível de atividade de cada jovem facilitador participante.

5.4. Estrutura da Formação

Conforme descrito anteriormente, o programa de formação T4I consiste numa componente online assíncrona e numa componente presencial síncrona. A seguir, iremos analisar cada uma delas mais detalhadamente.

Parte assíncrona (E-learning)

A plataforma de e-learning do programa Tools4Inclusion (T4I) está disponível em:

<https://download.neting.hu/review/neting/bagazs/t4i/#/dashboard>

onde os participantes podem aprofundar a sua compreensão do método Tools4Inclusion através de módulos interativos que abrangem a formação de facilitadores, a construção de comunidades inclusivas e a conceção de programas infantis.

Funcionalidades da Plataforma

Esta plataforma, sediada no neting.hu, oferece um painel de controlo moderno e fácil de utilizar (/dashboard) com navegação intuitiva (layout, botões/ícones), conteúdo modular (capítulos, unidades, tarefas, recursos interativos) e apoio à aprendizagem mista (teoria online + complementos práticos).

Acesso: Todas as funcionalidades estão disponíveis após o registo/início de sessão na plataforma Moodle ou podem ser acedidas através de um link aberto a todos (materiais de e-learning, tarefas de reflexão).

Funcionalidades: Visão geral do painel de controlo, módulos, estrutura mista, compatível com dispositivos móveis.

Conteúdo: E-learning enriquecido de forma interativa, centrado na inclusão de jovens vulneráveis (romani, migrantes, refugiados) e na responsabilidade comunitária; diretamente ligado à formação presencial.

Principais tipos de tarefas

Estas tarefas combinam a teoria com a aplicação prática, com o objetivo de preparar os jovens facilitadores para as sessões de intervenção do programa Tools4Inclusion:

- **Questionários de reflexão e autoavaliações:** Perguntas curtas de escolha múltipla ou de resposta aberta que testam os conceitos dos módulos, tais como identificar fases de desenvolvimento de grupo ou barreiras à autoestima em jovens de diversas origens (por exemplo, ciganos, migrantes).
- **Exercícios baseados em cenários:** Analisar casos reais, como adaptar atividades para grupos infantis multiculturais ou resolver conflitos em contextos inclusivos.
- **Modelos de planeamento:** Conceber sessões de exemplo, incluindo mapas mentais para intervenções e kits de ferramentas para o desenvolvimento de competências socioemocionais.
- **Temas de discussão:** Entradas no diário ou publicações em fóruns entre pares sobre crescimento pessoal, sensibilização para a diversidade e estratégias de facilitação inclusiva.
- **Interações multimédia:** Vídeos, diagramas interativos e atividades do tipo «arrastar e largar» com ligações ao Manual e ao Kit de Ferramentas do T4I para uma preparação prática.

As tarefas dão ênfase às competências transferíveis, com acompanhamento do progresso no painel de controlo.

Parte síncrona (Plano da sessão)

Dia 0: Preparação e criação de uma boa relação

Tipo de atividade	Função
Boas-vindas e apresentação do objetivo	Definição de expectativas e visão geral da aprendizagem experiencial (brincar →

	experimentar → refletir → analisar → aplicar)
Apresentação dos nomes e atividades para quebrar o gelo	Criar uma boa relação inicial e deixar uma boa impressão
Rotações rápidas emparelhadas	Promover ligações pessoais rápidas
Partilhem a motivação deles	Alinhar os objetivos do grupo com o projeto Tools4Inclusion
Visão geral do projeto e esclarecimento sobre o compromisso	Assegurar a compreensão da logística
Perguntas e Respostas	Abordar as preocupações
Pausa	Lazer
Exercício de visualização da zona de conforto	Apresentar o quadro de riscos/aprendizagem
Partilha de expectativas e receios em pequenos grupos	Criar um ambiente de segurança psicológica
Atividade de definição de normas em grupo	Estabelecer regras comuns
Círculo de encerramento do check-in	Obter comentários
Reunião informativa sobre logística	Preparação prática

Dia 1: Criação de clima de confiança e formação de grupos

Tipo de atividade	Função
Desafio de orientação em pares durante uma caminhada	Desenvolver competências de confiança e apoio

Expressão criativa em grupos mistos com base nos valores da Tools4Inclusion	Promova a inclusão e a espontaneidade
Mapeamento mental colaborativo das sessões de intervenção	Esclarecer os pormenores das sessões de intervenção
Revisão das normas + tarefa de cooperação em grupo grande; prática de feedback	Reforçar a coesão e a rotação de cargos de liderança

Dia 2: Aprofundamento da comunicação e da reflexão

Tipo de atividade	Função
Simulação de situações e feedback entre pares em várias rondas	Desenvolver competências de comunicação e feedback construtivo
Reflexão em pares/pequenos grupos	Analisar a dinâmica de grupo
Aquecimento físico + tarefa prática em grupo	Criar laços informais
Círculo de partilha de gratidão	Criar ligações positivas

Dia 3: Síntese e aplicação prática

Tipo de atividade	Função
Simulações avançadas de cenários e atividades de ponta	Dominar as técnicas de formação
Reflexão abrangente	Sintetizar o crescimento
Compromisso e informações práticas sobre as próximas etapas do projeto	Criar um compromisso a longo prazo

Guia de Adaptação para Facilitadores

Tipo de atividade	Função
Gestão do tempo	Blocos de 60 a 90 minutos; reservar 20 % para reflexão
Dimensionamento de grupos	Par → Pequenos grupos → Grupo completo
Preparação das ferramentas	Itens essenciais (post-its, marcadores, cordas/objetos); tenha sempre itens de reserva
Monitorização/Adaptação	Verificações em tempo real (escalas de energia, círculos); Plano B

5.5. Materiais de formação

Apresentamos aqui uma visão geral dos materiais de Formação de Facilitadores Jovens do T4I, organizados em seis módulos. Cada módulo destaca os conceitos centrais e os principais conteúdos abordados no respetivo tema.

Módulo 1 | Introdução

☐ Apresentamos a Iniciativa T4I

A iniciativa Tools4Inclusion (T4I) capacita jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos, provenientes de contextos diversos, para reduzirem as desigualdades sociais através da organização e condução de sessões educativas para crianças dos 6 aos 14 anos. Através da T4I, os jovens recebem formação para liderarem atividades que promovam a compreensão e a amizade entre crianças de vários grupos étnicos, culturais e socioeconómicos. Para além de apoiar as crianças, a iniciativa transforma os facilitadores em futuros líderes e contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva. Trata-se de um projeto transnacional, que envolve a Hungria, Portugal e Malta, e que visa alargar o seu alcance a toda a Europa.

☐ Porque é que a inclusão é importante?

A inclusão garante que todas as pessoas, independentemente da sua origem, tenham acesso às mesmas oportunidades e se sintam bem-vindas. A exclusão social pode conduzir a problemas como o bullying, a solidão e o fraco desempenho

académico. Promover a inclusão — especialmente em contextos educativos — ajuda a prevenir estes desafios e fomenta um ambiente de apoio onde todos possam ter sucesso.

□ Como funciona a iniciativa T4I?

O T4I baseia-se na colaboração entre facilitadores, crianças, pais, professores e ONG. Os facilitadores recebem formação ministrada por especialistas em comunicação assertiva, resolução de problemas e liderança, para poderem realizar atividades envolventes e significativas e lidar com diversas situações de forma eficaz.

□ Quais são as vantagens para um facilitador juvenil?

Os animadores juvenis adquirem experiências valiosas, incluindo trabalho em equipa, gestão de atividades e resolução de problemas do mundo real. Estas competências são úteis para qualquer carreira e fazem uma diferença duradoura na vida das crianças com oportunidades limitadas.

□ As Regras Básicas da Formação de Facilitadores Jovens do T4I

Para criar um ambiente de aprendizagem respeitoso, inclusivo e eficaz, as seguintes 10+1 regras orientam a Formação de Facilitadores Jovens do T4I:

1. Respeitar toda a gente	◆ Trate os outros com gentileza e consideração. ◆ Respeite as diferentes opiniões, origens e experiências. ◆ Apoie os participantes com necessidades especiais.
2. Confidencialidade	◆ O que for dito na sala fica na sala. ◆ Pode utilizar as informações partilhadas, mas não deve revelar a identidade dos participantes. ◆ As histórias pessoais ou informações sensíveis não devem ser partilhadas fora do grupo sem autorização explícita.
3. Escuta ativa	◆ Preste toda a atenção a quem está a falar. ◆ Evite interromper e procure compreender os pontos de vista dos outros.
4. Uma voz de cada vez	◆ Permita que apenas uma pessoa fale de cada vez, garantindo que a opinião de todos seja ouvida.
5. Tenha uma mente aberta	◆ Aborde a formação com vontade de aprender com as experiências dos outros. ◆ Discuta as ideias de forma construtiva, sem críticas pessoais. ◆ Lembre-se de que não existem «ideias estúpidas» nem «pensamentos maus».

6. Envolvimento ativo	◆ Contribua ativamente; a sua opinião é valiosa para o grupo. ◆ A participação é encorajada, mas não obrigatória.
7. Gestão do tempo	◆ Seja pontual nas sessões presenciais. ◆ Respeite o tempo dos outros, mantendo-se concentrado e participativo durante toda a formação.
8. Feedback construtivo	◆ Dê feedback que seja respeitoso e centrado na melhoria. ◆ Aceite o feedback com o mesmo espírito positivo.
9. Tolerância zero para comportamentos perturbadores	◆ O bullying, o assédio ou as interrupções constantes não serão tolerados e podem resultar na exclusão da sessão.
10. Espaço Seguro	◆ Os formadores garantirão um ambiente seguro para que os participantes se possam expressar sem receio de serem julgados ou de sofrerem retaliações. ◆ Informe os formadores se, em qualquer momento, se sentir em risco.
11. Ser uma pessoa íntegra (A Regra do +1)	◆ Dê o exemplo, pois as ações valem mais do que as palavras. ◆ Alinhe as suas ações com as suas palavras, demonstrando integridade. ◆ Lembre-se de que estes princípios vão além da formação e aplicam-se em situações do dia a dia enquanto (futuro) líder.

Módulo 2 | Compreender as crianças

☐ Compreender o stress: eustresse, distresse e stress crónico

O stress é uma parte comum da vida quotidiana. O stress positivo, ou eustresse (Selye, 1975), motiva-nos a enfrentar desafios, a experimentar coisas novas e a evitar o perigo. No entanto, quando o stress se torna avassalador, transforma-se em distresse (Selye, 1975), o que diminui a motivação e o desempenho. O stress crónico, quando a angústia é constante, afeta negativamente a saúde mental e física (Thoresen & Eagleston, 1983). Para quem trabalha com crianças, reconhecer os sinais de angústia é essencial para responder eficazmente às suas necessidades.

☐ A Janela da Tolerância

Cada indivíduo possui uma janela de tolerância ao stress única, que influencia a forma como o seu corpo e o seu cérebro reagem (Siegel, 1999). Dentro dessa janela, as pessoas conseguem aprender, estabelecer ligações e processar informação.

- ♦ A **hiperativação** ocorre quando alguém está sob estimulação excessiva, o que desencadeia uma resposta de luta ou fuga. Os sintomas incluem irritabilidade, ansiedade e dificuldade em concentrar-se. As crianças em estado de hiperativação podem apresentar comportamentos como chorar, empurrar os outros ou isolar-se, mesmo quando não existe qualquer perigo real.
- ♦ A **hipoexcitação** ocorre em situações de stress prolongado, levando a uma resposta de paralisia. Neste estado, as crianças podem parecer desligadas, indiferentes ou distantes, embora continuem a sentir stress internamente.

☐ Criar espaços seguros

Enquanto facilitadores, a nossa prioridade é garantir que as crianças se sintam seguras. Reconhecer os seus estados de excitação e manter uma atitude calma e respeitosa pode reduzir o stress, ajudando as crianças a desenvolver a regulação emocional e o controlo dos impulsos. Ao dar o exemplo de segurança e estabilidade, criamos um ambiente onde as crianças se sentem seguras e apoiadas.

☐ Da autorregulação à compreensão

Aprender sobre o stress e a janela de tolerância é fundamental para compreender tanto as crianças como a nós próprios. Enquanto facilitadores que trabalham com crianças, é essencial garantir que o stress ou o trauma de uma criança não provoque um aumento dos níveis de stress no grupo. Em situações em que uma criança se encontra em sofrimento, os passos seguintes podem ajudar a manter um ambiente seguro:

- ♦ **Avalie o seu próprio nível de stress:** reflita sobre o seu estado atual de stress e a sua margem de tolerância. Acalmar-se primeiro ajuda a reduzir o stress geral da situação e permite respostas ponderadas.
- ♦ **Ofereça uma presença serena:** ajude os outros (crianças ou pais) a acalmarem-se, mantendo uma atitude equilibrada e descontraída. Proporcione um ambiente mais tranquilo onde possam recuperar o controlo das suas emoções.
- ♦ **Restabeleça o contacto:** Assim que a situação estiver mais calma, estabeleça contacto com a criança ou com o pai/mãe de forma adequada. No caso das crianças, isto pode envolver brincar juntos; no caso dos adultos, pode significar iniciar uma conversa.

- ◆ **Facilite a reflexão:** Quando a criança ou o pai/mãe estiver dentro da sua margem de tolerância, reflitam juntos sobre a situação. Este processo promove a consciência das ações e das respostas emocionais.

Ao longo deste processo, é fundamental evitar causar vergonha ou culpa. O objetivo é ajudar os participantes a reconhecerem a sua «janela de tolerância», a compreenderem as suas emoções e a desenvolverem a consciência emocional.

□ **Como ajudar as crianças a terem um bom desempenho durante uma sessão**

Reconhecer as emoções	Reaja de forma adequada quando uma criança estiver em sofrimento, evitando reações exageradas ou insuficientes. Uma presença serena pode ajudá-la a acalmar-se.
Estabelecer limites previsíveis	Crie um ambiente estruturado, com rotinas claras em termos de tempo e espaço.
Estabelecer limites adequados	Certifique-se de que as regras e as expectativas são adequadas à idade — desafiantes, mas não excessivas.
Estimulação de controlo	Controle a intensidade das atividades para evitar a sobreestimulação e comportamentos indesejáveis.
Promover a abertura	Fale sobre as emoções e convide as crianças a partilharem os seus sentimentos.
Refletir em conjunto	Ajude as crianças a compreender e a gerir as suas emoções, refletindo sobre o seu estado de espírito.
Demonstrar respeito	Valide as emoções e as experiências das crianças tal como elas as percebem.
Proporcionar espaço	Permita que as crianças se autorregulem, intervindo apenas quando necessário, mantendo-se sempre disponível para lhes dar apoio.
Dê feedback positivo e sugira alternativas	Concentre-se em recompensar as ações, em vez de recompensar as pessoas; evite o uso excessivo de expressões negativas como «não» e sugira alternativas para um comportamento adequado.

Módulo 3 | Gestão de Grupos

□ **Grupos de crianças**

Trabalhar com crianças em contextos de grupo é uma prática comum tanto na educação formal como na informal. As atividades em grupo melhoram as competências sociais das crianças, proporcionando-lhes oportunidades para as praticarem em tempo real (Cooper & McEvoy, 1996). Também reforçam as competências de mentalização, uma vez que as crianças recebem feedback imediato dos colegas e dos animadores do grupo (Malberg et al., 2012). Fazer parte de um grupo promove um sentimento de pertença, aumentando a autoconfiança e a autoestima.

□ O papel dos facilitadores de grupo

Os facilitadores desempenham um papel crucial na criação de um espaço seguro e acolhedor para as crianças. Precisam de competências para envolver as crianças e orientá-las no sentido de se tornarem membros ativos do grupo. Os facilitadores jovens devem estar familiarizados com a dinâmica de grupo e utilizar ferramentas adequadas para construir um grupo coeso, onde as crianças se sintam seguras para partilhar as suas ideias, pensamentos e sentimentos.

□ Estrutura das sessões de grupo

As sessões em grupo devem ser adaptadas às necessidades de desenvolvimento das crianças e, normalmente, seguem três fases:

Atividade de abertura	Atividade principal	Atividade de encerramento
Concentre-se na «acalmia» em vez do «aquecimento» para ajudar as crianças a acalmarem-se e a concentrarem-se. Atividades como partilhar lanches, utilizar pequenos instrumentos ou desenhar em conjunto podem ajudar a criar um ambiente tranquilo. No caso de novos grupos, estabeleça regras de forma colaborativa durante a primeira sessão.	Realizar atividades que proporcionem experiências partilhadas significativas, incentivem o conhecimento mútuo e permitam refletir sobre o tema da sessão. Entre os exemplos contam-se jogos em grupo, trabalhos manuais ou tarefas de aprendizagem coletiva.	Refleta sobre as experiências e lições da sessão. Utilize ferramentas como «termómetros de humor», perguntas orientadas ou formas de expressão criativa, como o desenho ou o movimento, para ajudar as crianças a processar e partilhar os seus pensamentos.

□ Desenvolvimento de Grupos

Os grupos evoluem ao longo de cinco fases, tal como identificadas por Tuckman (1965):



Modulo 4 | Multiculturalismo

□ O que é o Multiculturalismo?

O multiculturalismo refere-se à coexistência e ao reconhecimento de diversas culturas no seio de uma comunidade, onde pessoas de diferentes origens culturais, étnicas, religiosas e linguísticas convivem harmoniosamente, mantendo as suas identidades únicas. O seu objetivo é promover a compreensão, o respeito e a coexistência pacífica, abordando conflitos históricos enraizados na «alteridade».



□ Importância do Multiculturalismo

- ◆ **Promove a tolerância e o respeito:** O multiculturalismo fomenta a inclusão ao desafiar estereótipos e derrubar barreiras, criando um ambiente onde as diferenças são celebradas em vez de temidas.
- ◆ **Enriquece a sociedade:** A diversidade cultural traz novas ideias, gastronomia, música e perspectivas, estimulando a criatividade e a inovação e tornando as comunidades vibrantes e dinâmicas.
- ◆ **Incentiva a consciência global:** Num mundo interligado, compreender e respeitar diferentes culturas é essencial para a colaboração, a comunicação e o sucesso em ambientes diversificados.
- ◆ **Fomenta o crescimento pessoal:** A interação com outras culturas promove a abertura de espírito, a empatia e a autorreflexão, ajudando os indivíduos a crescer e a compreenderem-se melhor.
- ◆ **Constrói comunidades resilientes:** Valorizar a diversidade fortalece os laços dentro das comunidades, incentivando o apoio mútuo e o trabalho em equipa para resolver desafios comuns.
- ◆ **Prepara para o futuro:** O multiculturalismo desenvolve a capacidade de adaptação, o trabalho em equipa e a compreensão intercultural — competências essenciais para ter sucesso na sociedade global de hoje.
- ◆ **Impulsiona a mudança social:** Ao promover a igualdade e a justiça, o multiculturalismo desafia a opressão e a discriminação, abrindo caminho para um mundo mais justo e inclusivo.

□ Multiculturalismo na Educação

Na educação, as escolas desempenham um papel fundamental no ensino de diferentes culturas e histórias, promovendo o respeito e a valorização da diversidade entre os alunos. O ensino vai além das aulas ou apresentações; envolve o envolvimento ativo com diferentes culturas. Isto pode incluir a organização de eventos gastronómicos multiculturais, espetáculos de dança e música, ou a celebração das tradições culturais e religiosas uns dos outros.

Módulo 5 | Autoconceito e Autoestima

☐ Compreender os conceitos

- ◆ **O autoconceito** refere-se à forma como os indivíduos percebem as suas capacidades e competências em vários domínios, tais como o académico, as competências sociais e a aparência física (Harter, 1988). Reflete autoavaliações e descrições pessoais, como «Sou arménio» ou «Gosto de ajudar os outros» (Vaz Serra, 1988). O autoconceito evolui ao longo do tempo, tornando-se mais preciso à medida que os jovens integram o feedback recebido e distinguem o esforço da competência (Harter, 1999).
- ◆ **A autoestima** reflete o julgamento global que uma pessoa faz do seu valor e é influenciada pelo autoconceito e pela importância atribuída a domínios específicos (Harter, 1999). A aparência física tem frequentemente um forte impacto na autoestima. Incentivar a aceitação de traços imutáveis (por exemplo, raça ou idade) e o esforço em relação a características mutáveis (por exemplo, competências ou aprendizagem) ajuda a promover uma autoestima positiva (Edukino, 2023).

Promover um autoconceito saudável e a autoestima é fundamental para o bem-estar das crianças. O apoio e a aprovação dos pais, professores e colegas têm um impacto significativo na autoestima, muitas vezes mais do que a ajuda concreta (Harter, 1999). O feedback positivo reforça a autoestima, enquanto as críticas ou as comparações desfavoráveis em termos de desempenho podem diminuí-la (Lachowicz-Tabaczek & Śniecińska, 2011).

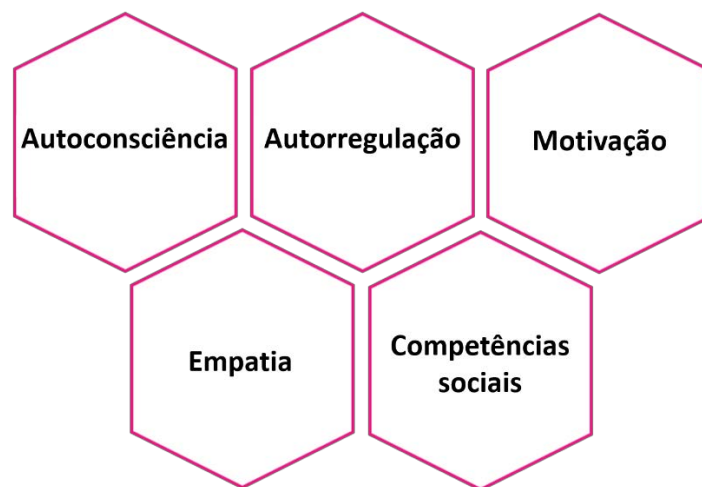
☐ Inteligência Emocional

A inteligência emocional, tal como definida por Salovey e Mayer (1990), abrange três componentes-chave: atenção aos sentimentos, clareza das emoções e recuperação do estado de espírito. A atenção aos sentimentos refere-se ao grau em que os indivíduos percebem e têm em conta as suas emoções. A clareza das emoções diz respeito à compreensão e distinção de diferentes emoções, enquanto a recuperação do estado de espírito representa a capacidade de sair de estados emocionais negativos. Estas capacidades são vitais para gerir eficazmente as emoções e lidar com as relações.

A investigação demonstra que a inteligência emocional tem um impacto significativo no autoconceito e na autoestima, ajudando os indivíduos a desenvolver competências cognitivas, físicas e sociais (Cabello González et al., 2006; Matalinares Calvet et al., 2005; Salovey et al., 2002). Permite também que os indivíduos

reconheçam e aceitem as suas características únicas e diferenças, promovendo uma maior aceitação e respeito pela diversidade dos outros (ShareN(e)et, 2023).

Goleman (2011) identifica cinco domínios da inteligência emocional:



- ◆ **Autoconsciência:** A capacidade de reconhecer as próprias emoções, compreender as suas causas e avaliar o seu impacto em si próprio e nos outros. A autoconsciência envolve também conhecer os pontos fortes e fracos pessoais, o que contribui para uma autoavaliação realista e para a tomada de decisões.
- ◆ **Autorregulação:** A capacidade de gerir as emoções de forma construtiva, mantendo a concentração e o equilíbrio mesmo em situações desafiantes. Esta capacidade ajuda os indivíduos a manterem-se resilientes e a superarem os contratempos de forma eficaz.
- ◆ **Motivação:** Um impulso para melhorar e ter sucesso, caracterizado pelo estabelecimento de padrões pessoais elevados e pelo trabalho consistente em direção aos objetivos.
- ◆ **Empatia:** A capacidade de compreender e ter em consideração as emoções e os pontos de vista dos outros, vendo as situações a partir das suas perspetivas. A empatia é essencial para promover a inclusão e o respeito mútuo.
- ◆ **Competências sociais:** Abrangendo a gestão de conflitos, a liderança, a comunicação e o trabalho em equipa, as competências sociais permitem aos indivíduos construir relações sólidas e lidar com sucesso com as interações sociais.

O desenvolvimento destas competências contribui para a tomada de decisões e cria ambientes mais tolerantes e inclusivos, onde todos podem prosperar (Mayer et al., 2001; ShareN(e)et, 2023).

□ Estabelecer limites

Estabelecer limites claros, razoáveis e assertivos é essencial para preservar o autoconceito e fomentar a autoestima. Os limites não consistem em lançar ultimatos ou punir os outros, mas envolvem uma comunicação honesta e assertiva, baseada no respeito mútuo.

A inclusão requer respeito e compromisso, permitindo que pessoas de origens diversas coexistam pacificamente. A inteligência emocional desempenha um papel vital na gestão das emoções com maturidade e confiança, especialmente durante situações de conflito ou ansiedade. Um componente fundamental dessa maturidade é compreender os próprios limites e estabelecer um espaço pessoal seguro que respeite os outros.

Cinco passos para estabelecer limites (Crisis Prevention Institute, 2016):

1. Seja claro e específico: Defina limites direta e assertivamente, sem agressão ou passividade.

2. Explique o seu ponto de vista: Comunicar as razões para os seus limites ajuda os outros a compreender e respeitá-los.

3. Mostre as opções disponíveis e consequências: Apresente opções com resultados claros. Evite ultimatos, pois estes criam conflito. Foque-se em guiar os outros para tomarem decisões informadas.

4. Estabeleça limites de forma consistente: Assegure-se que os limites são respeitados mesmo quando há resistência. Escolha consequências que sejam práticas, justas e alinhadas com os seus valores.

5. Reavalie e ajuste: Reveja os limites regularmente para garantir que se mantêm relevantes e benéficos para o bem-estar emocional.

Ao estabelecer limites de forma ponderada, é possível cultivar a autoconfiança e relações mais saudáveis. Estas práticas criam ambientes inclusivos e respeitosos, onde as diferenças são valorizadas e as pessoas se sentem apoiadas.

Módulo 6 | Comunicação

□ Definição de Comunicação

A comunicação é um processo social e cognitivo que envolve a troca de informação, sentimentos e pensamentos, constituindo a base da interação humana (Bunglowala & Bunglowala, 2015). Para garantir uma comunicação bem-sucedida, é necessário ter em conta quatro aspetos importantes (Extra C, 2024):

Perceção Mútua:

Antecipar os comportamentos dos outros e planear respostas.

Troca de Informação:

Transmitir ideias através de métodos verbais e não verbais.

Inter-relações:

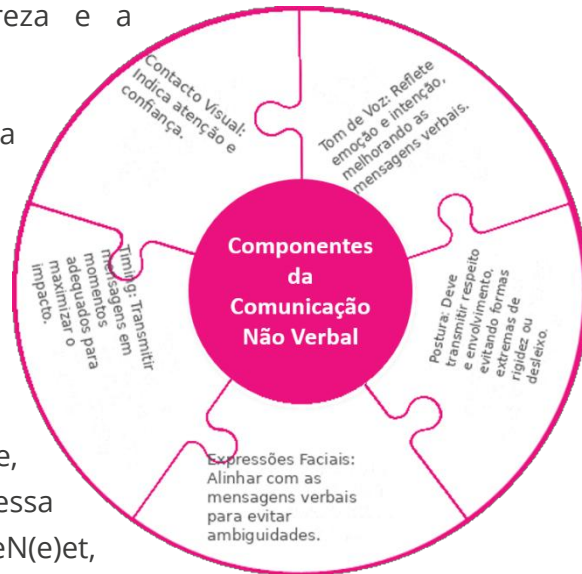
Desenvolver ligações emocionais e obrigações.

Interação com os Outros:

Influenciar e moldar relações.

□ Tipos de comunicação

- ♦ **Verbal:** Baseia-se na gramática e nas palavras para partilhar ideias, envolvendo a fala, a audição e o feedback. É intencional, adaptando-se ao contexto e visando a clareza e a persuasão
- ♦ **Não-verbal:** Utiliza a linguagem corporal, os gestos, as expressões faciais, o tom de voz e o posicionamento espacial para transmitir significado. Complementa a comunicação verbal e, frequentemente, expressa emoções e intenções (ShareN(e)et, 2023).



□ Estilos de Comunicação

Agressivo	Passivo	Assertivo
Expressa as suas opiniões de forma inadequada, o que muitas vezes provoca conflitos e uma atitude defensiva. Embora seja direto, pode faltar-lhe respeito pelos pontos de vista dos outros	Evita conflitos ao reprimir os sentimentos, o que muitas vezes conduz à frustração e ao desinteresse. Útil temporariamente para evitar disputas (Extra C, 2024).	Equilibra a clareza e o respeito, permitindo que as pessoas expressem as suas ideias com honestidade, tendo simultaneamente em conta as necessidades dos outros (Yuliani et al., 2020). Promove a resolução eficaz de problemas e a compreensão mútua (Inn2Diversity, 2022).

□ Barreiras da Comunicação

As barreiras dificultam uma comunicação eficaz e, segundo Joshi, s.d., incluem:

- ♦ **Físicos:** Ruído, interrupções ou tecnologia inadequada.
- ♦ **Fisiológicos:** Stress, estados emocionais ou distrações mentais.
- ♦ **Semânticos:** Mal-entendidos devido a jargão ou linguagem ambígua.

- ◆ **Culturais:** Normas e interpretações divergentes.
- ◆ **Organizacionais:** Obstáculos estruturais, como canais de comunicação ineficazes ou hierarquias.

□ **Melhorar a comunicação**

- ◆ **Escuta ativa:** Interaja com os interlocutores, dando feedback, parafraseando e evitando distrações. Demonstre atenção através de uma linguagem corporal aberta e de afirmações verbais.
- ◆ **Reconhecer sinais não verbais:** Observe a linguagem corporal, as expressões faciais e os gestos para compreender emoções e intenções.
- ◆ **Dar feedback construtivo:** Ofereça orientação para melhorar as competências de comunicação, sem críticas nem punições.
- ◆ **Consciência do contexto:** Adapte a comunicação ao público e à situação para evitar mal-entendidos (Inn2Diversity, 2022).

Uma comunicação eficaz implica o domínio das competências verbais e não verbais, a promoção do respeito mútuo e a criação de um ambiente inclusivo. O desenvolvimento destas competências capacita as pessoas a gerir as suas relações com confiança e a enfrentar os desafios de forma construtiva.

Sessões inclusivas para crianças

6. Sessões inclusivas para crianças

Este capítulo centra-se nas sessões infantis inclusivas, que constituem o principal elemento da fase de intervenção da iniciativa T4I (ver 4.1. Estrutura do Programa). O objetivo destas sessões é criar um ambiente inclusivo onde as crianças tenham a oportunidade de estabelecer relações positivas com os seus pares, independentemente da sua origem étnica, religião ou situação económica. A participação nas sessões permitirá que as crianças, tanto dos grupos majoritários como dos minoritários, desenvolvam as suas competências sociais e interajam com pares de diferentes origens.

Capítulo 6:

- ◆ Apresenta orientações para o recrutamento e a seleção de crianças para as sessões inclusivas (6.1. Recrutamento e Seleção).
- ◆ Apresenta um exemplo de como estruturar um semestre (6.2. Estrutura do Semestre).
- ◆ Descreve o enquadramento e as atividades de uma sessão exemplar para crianças (6.3. Estrutura e Conteúdo do Programa).
- ◆ Partilha boas práticas para a gestão de riscos ao longo da iniciativa (6.4. Gestão de Riscos).

É possível encontrar informações mais detalhadas sobre o conteúdo das atividades para crianças e uma seleção de atividades no [T4I Toolkit](#).

6.1. Recrutamento e Seleção

Recrutamento

Para recrutar crianças para os programas infantis inclusivos do T4I, é essencial envolver tanto as crianças como os seus pais na compreensão do objetivo e dos benefícios do programa. A realização de sessões informativas em escolas e creches pode ajudar a esclarecer dúvidas, delinear os objetivos do programa e explicar os papéis dos participantes. Durante estas sessões, a avaliação das necessidades e dos interesses das crianças garante que o programa esteja em sintonia com as suas expectativas e objetivos. Motivar a participação implica destacar as vantagens de

aderir ao programa, tais como promover a inclusão, criar laços de amizade e adquirir competências valiosas. Incentivar os pais a apoiar o programa e a participar como voluntários reforça o seu impacto e cria confiança, estabelecendo um ambiente de colaboração para todos os envolvidos.

Seleção

A proporção ideal de crianças para alcançar a inclusão é de dois terços do grupo maioritário e um terço do grupo minoritário. A seleção dos participantes para o programa T4I deve dar prioridade à sua vontade de participar. Recomenda-se que as mesmas crianças, tanto do grupo maioritário como do grupo minoritário, participem de forma consistente em todas as sessões do programa de educação inclusiva. Isto exige que os jovens facilitadores mantenham a sua motivação ao longo de todo o processo. Algumas crianças podem enfrentar desafios comportamentais ou de autorregulação, o que exige apoio adicional por parte de um par. Este par pode ser um facilitador jovem adulto, um professor ou um profissional de uma ONG capaz de dar resposta às suas necessidades específicas. As crianças de contextos socioeconómicos mais desfavorecidos podem enfrentar maiores dificuldades na adaptação ao grupo e podem necessitar de assistência adicional para garantir a sua plena participação.

6.2. Estrutura do semestre

Cada iniciativa T4I é única e, por isso, deve ser adaptada ao contexto cultural específico, às organizações e aos grupos envolvidos, tendo em conta as circunstâncias e as necessidades de todas as partes interessadas. Para ilustrar como se desenrola um semestre de intervenção T4I, apresentamos um exemplo retirado do nosso programa-piloto T4I.

Conhecer as crianças

Muitos jovens de hoje estão constantemente expostos a estímulos contínuos através de ecrãs, redes sociais e interação contínua com os pares, o que pode tornar mais difícil para eles abrandarem o ritmo, tolerarem a incerteza e envolverem-se plenamente em processos de grupo presenciais. Ao mesmo tempo, apesar de estarem altamente conectados online, podem ter pouca confiança na construção de relações na vida real com pares desconhecidos ou menos familiares, e podem ser mais afetados pela ansiedade social, pelo medo da exclusão ou pela pressão para se integrarem rapidamente. Por isso, envolver crianças e jovens facilitadores de grupos com menos oportunidades requer um trabalho intencional de construção de confiança desde o início do semestre. O contacto inicial não deve, portanto,

centrar-se apenas na partilha de informação, mas também na redução da ansiedade, fazendo com que a participação pareça previsível e criando um sentimento precoce de pertença. Atividades curtas, lúdicas e de fácil acesso são especialmente importantes nesta fase, pois permitem que as crianças participem sem medo do fracasso e ajudam os jovens facilitadores a estabelecer ligações autênticas com elas.

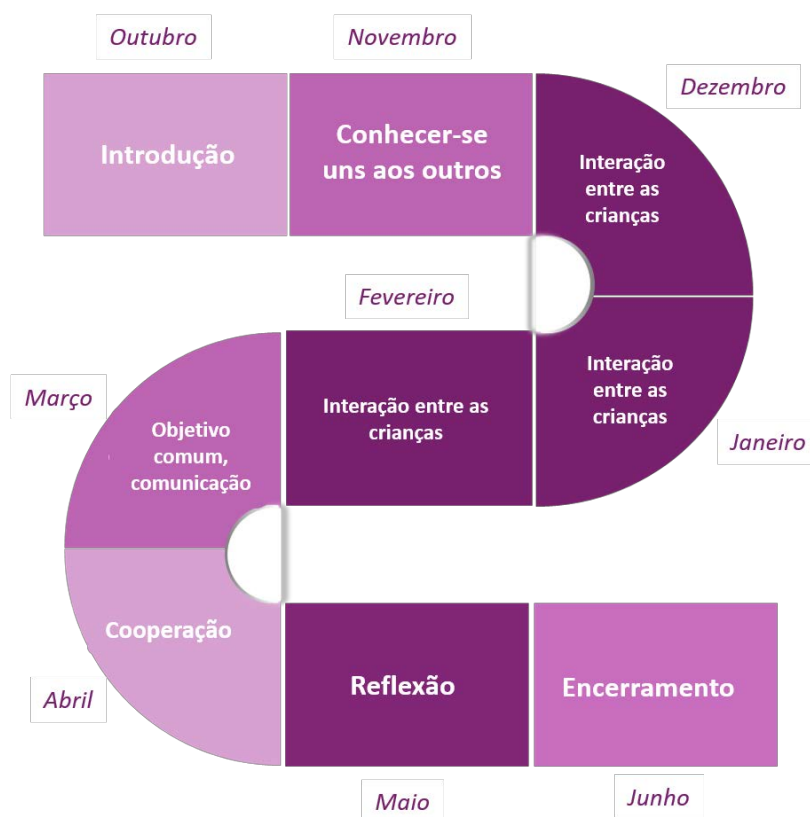
Para manter a motivação ao longo do semestre, os líderes de grupo e os facilitadores jovens devem tornar o objetivo do programa visível e concreto. É mais provável que as crianças se mantenham envolvidas quando compreendem o tema das sessões, o que podem esperar a seguir e quando experimentam pequenos, mas regulares, sucessos. Da mesma forma, os facilitadores jovens provenientes de grupos com menos oportunidades devem ser tratados não só como participantes, mas também como colaboradores valiosos, cujas experiências e perspetivas reforçam a qualidade e a inclusão do programa. Atribuir-lhes funções claras, responsabilidades e feedback positivo regular ajuda a reforçar o sentido de pertença e o empenho.

Deve também ser dada especial atenção às barreiras práticas e emocionais à participação. Para algumas crianças e jovens facilitadores, a assiduidade irregular não é um sinal de desinteresse, mas sim o resultado de dificuldades de transporte, responsabilidades familiares, insegurança em ambientes desconhecidos ou receio de não ter um bom desempenho. Por esta razão, a motivação deve ser apoiada através de um acompanhamento flexível, incentivo individual, rotinas claras e atividades adaptadas aos interesses, níveis de confiança e realidades vividas pelos participantes. Os facilitadores jovens e os líderes de grupo devem reunir-se com as crianças participantes, tanto dos grupos majoritários como dos minoritários, pelo menos uma vez antes do início das sessões infantis inclusivas. Esta reunião pode realizar-se na escola ou no local onde decorrerão as futuras sessões. Durante a reunião, os facilitadores jovens podem jogar jogos, aprender canções ou fazer trabalhos manuais com as crianças, a fim de reduzir a ansiedade e criar confiança.

Preparação com os líderes de grupo

As reuniões trimestrais de planeamento (duas vezes por semestre) são essenciais para uma preparação eficaz dos responsáveis pelos grupos. Na primeira reunião de cada semestre, os responsáveis pelos grupos devem definir os objetivos para cada sessão. Estes objetivos são revistos e ajustados durante as reuniões subsequentes, com base no progresso e no feedback recebido. Os responsáveis pelos grupos são responsáveis pelo planeamento das atividades em grupo alargado, que podem ser

modificadas conforme necessário. Segue-se um exemplo dos objetivos gerais para as sessões infantis ao longo de dois semestres:



Os temas mensais sugeridos são meramente recomendações. Os responsáveis pelos grupos têm a flexibilidade de escolher temas diferentes que possam estar em sintonia com celebrações sazonais, eventos culturais ou o trabalho que está a ser desenvolvido na escola ao longo do ano. Isto permite que a intervenção funcione como um recurso complementar, adaptando-se às necessidades e ao contexto específicos dos alunos em qualquer momento.

Preparação para os jovens facilitadores

Os jovens facilitadores provenientes de contextos com menos oportunidades podem necessitar de apoio adicional para participarem com confiança e de forma consistente neste processo. Por isso, devem ser envolvidos através de responsabilidades claras e exequíveis, incentivo regular e uma estrutura de reuniões que seja previsível e solidária, em vez de excessivamente formal ou exigente. É também importante reconhecer que a participação irregular pode, por vezes, estar ligada não a uma falta de motivação, mas a barreiras práticas,

insegurança ou experiências anteriores de exclusão. Por esta razão, os líderes de grupo devem criar espaço para um acompanhamento individual, feedback positivo e reforço gradual da autoconfiança, para que os facilitadores jovens possam assumir o seu papel ao seu próprio ritmo, sentindo-se ao mesmo tempo valorizados e necessários dentro da equipa.

Os facilitadores juvenis devem realizar reuniões de duas em duas semanas. O objetivo destas reuniões é resumir e partilhar as experiências das sessões anteriores, debater melhorias e preparar atividades em pequenos grupos para as crianças, que estejam em consonância com os objetivos gerais e com as atividades em grupo alargado planeadas pelos líderes do grupo. As reuniões devem ter uma duração de 60 a 90 minutos, devendo estar sempre presente um líder do grupo.

Preparação com os pais

Ao envolver pais provenientes de contextos com menos oportunidades, a comunicação deve ser especialmente clara, prática e fácil de acompanhar. Sempre que possível, é útil estabelecer canais de comunicação simples e acessíveis, tais como uma lista de e-mail, um grupo do WhatsApp ou outras formas familiares de contacto regular, para que os pais recebam atualizações e lembretes atempados. Ao mesmo tempo, a comunicação oficial também é importante e deve, de preferência, ser feita por escrito, incluindo cartas impressas quando necessário. Isto é particularmente relevante porque, quando estão envolvidos menores, os organizadores têm a responsabilidade de obter o consentimento adequado para a utilização legal de fotografias, vídeos, relatos e outros materiais pessoais relacionados com o programa.

É também essencial que os pais compreendam claramente de que forma o programa pode beneficiar os seus filhos. Estes benefícios devem ser explicados em termos realistas e compreensíveis, incluindo melhorias na autoconfiança, nas competências sociais, na participação, na motivação para a aprendizagem e no acesso a novas experiências. Mesmo nos casos em que algumas oportunidades — como a participação numa visita de estudo internacional — não se aplicam automaticamente ou de forma igual a todas as crianças, os pais devem, ainda assim, receber uma visão transparente do valor global do programa e das diferentes formas como os seus filhos podem beneficiar com a participação no mesmo.

Antes do início das sessões, é essencial que os pais das crianças que participam no programa se conheçam entre si e tenham todas as suas dúvidas esclarecidas. Por isso, é altamente recomendável realizar uma reunião preliminar com todos os pais para explicar os objetivos e a estrutura das sessões, abordar quaisquer

preocupações que possam ter e incentivá-los a participar e a envolver-se o máximo possível. O envolvimento dos pais é crucial para o sucesso do programa.

Para promover um maior envolvimento, sugerimos também convidar os pais interessados a participar em atividades específicas do programa ou até mesmo atribuir-lhes tarefas concretas, tais como preparar lanches para partilhar ou organizar o transporte. Além disso, sempre que necessário ou se os facilitadores e professores o considerarem adequado, devem ser agendadas reuniões individuais com os pais de crianças específicas para resolver eventuais conflitos ou para reforçar a participação da criança nas atividades.

No final da intervenção, após a conclusão de todas as sessões, é aconselhável organizar uma reunião de acompanhamento com os pais para fazer um balanço, discutir o que funcionou bem e identificar as áreas a melhorar.

6.3. Estrutura e conteúdo das sessões

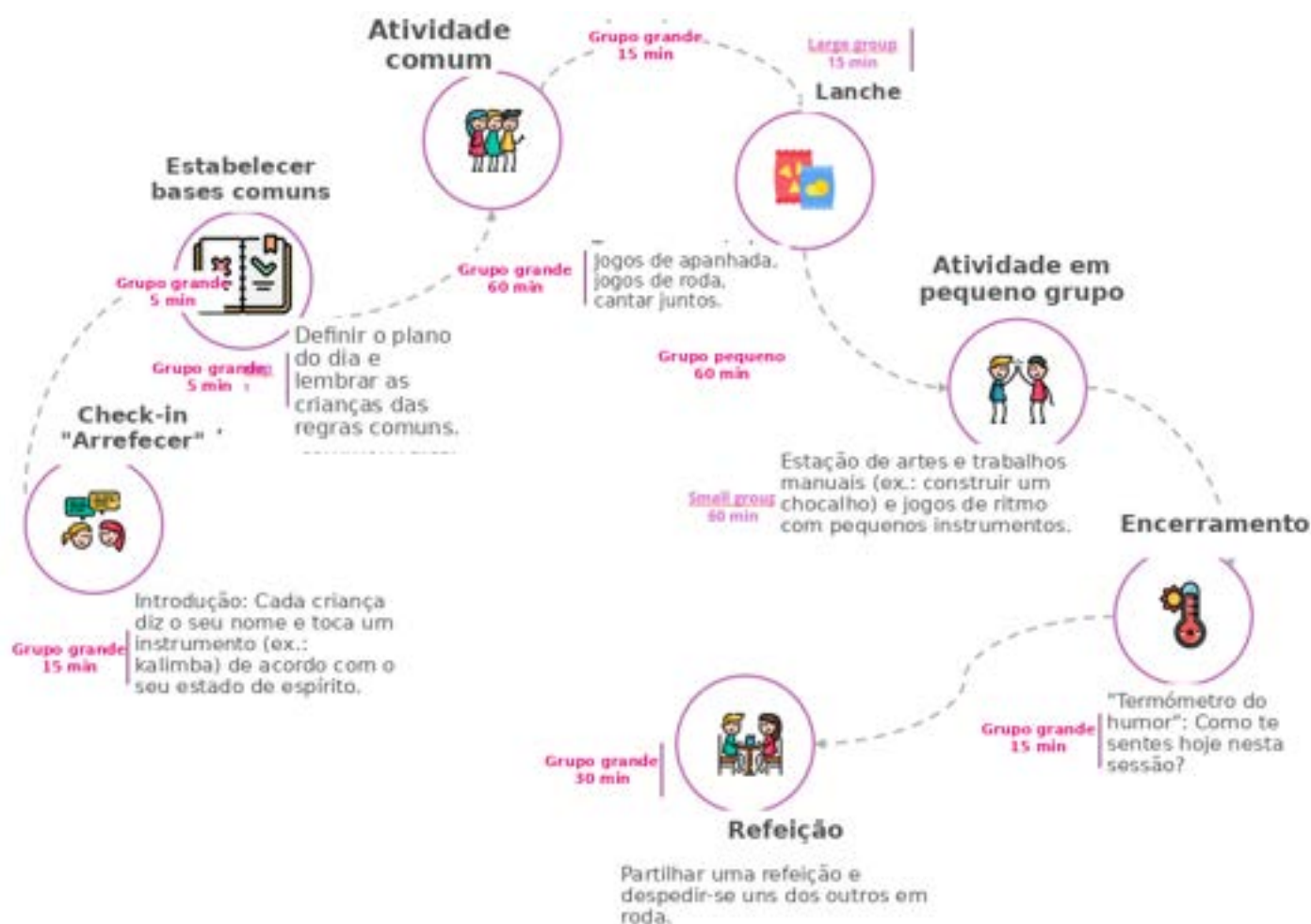
Estrutura das sessões para crianças

As sessões inclusivas para crianças do T4I constituem um programa não formal com atividades interativas e reflexivas — também designado por «programa de intervenção». A fase de implementação, tal como apresentada acima, pode demorar um ano letivo completo, enquanto a parte específica das sessões inclusivas para crianças tem uma duração de cerca de três meses. Esta duração é flexível e pode ser adaptada de acordo com as especificidades da escola ou organização. Não existe uma duração mínima definida.

Cada sessão de intervenção realiza-se de duas em duas semanas e tem uma duração de 2 horas e 30 minutos, incluindo um intervalo. Este período de tempo ajuda os participantes a quebrar o gelo e a aprofundar o tema da sessão, enquanto proporciona muitas oportunidades para interagir e participar em atividades de grupo. Cada sessão é composta por duas partes principais: uma atividade em grupo grande e uma variedade de atividades em pequenos grupos (tais como jogos, trabalhos manuais e atividades musicais). Conforme explicado acima (ver 6.2. Estrutura do semestre), a atividade em grupo grande é preparada antecipadamente durante as reuniões trimestrais de planeamento pelos líderes de grupo e pode envolver a participação dos pais das crianças para partilhar conhecimentos ou de outros profissionais, tais como instrutores de ioga infantil, terapeutas caninos ou musicoterapeutas. As atividades subsequentes em pequenos grupos dão continuidade à atividade em grupo grande e são preparadas pelos jovens facilitadores com o apoio dos líderes de grupo. Entre as atividades em grupo grande

e em grupo pequeno, as crianças participantes fazem uma pausa para lanche e, no final das atividades em grupo pequeno, partilham uma refeição (opcional).

A sessão começa com um círculo de boas-vindas e termina com um círculo de encerramento, permitindo que as crianças expressem os seus sentimentos sobre as atividades no início e no final. Segue-se um exemplo da estrutura e das atividades de uma sessão infantil inclusiva, com uma duração estimada de 3 horas, que pode ser ajustada:



Conteúdo das sessões para crianças

Para serem inclusivas, os objetivos e o conteúdo das sessões devem estar em consonância com as necessidades e competências individuais das crianças participantes (ver 4.2. Partes interessadas). As atividades devem ser inovadoras, mas não excessivamente desafiantes, encontrando um equilíbrio que as torne envolventes e, ao mesmo tempo, confortáveis tanto para as crianças da maioria como para as das minorias.

- **Exercícios introdutórios:** As primeiras sessões devem incentivar as crianças a apresentarem-se e a familiarizarem-se com a situação e com os seus pares. Devem ser estabelecidas regras e limites claros na primeira sessão e estes devem ser mantidos de forma consistente. Assim que os limites do grupo estiverem definidos, os líderes do grupo e os facilitadores jovens podem introduzir atividades que promovam a interação entre as crianças.
- **Atividades de desenvolvimento de competências sociais:** À medida que as crianças se vão familiarizando umas com as outras, os líderes de grupo e os facilitadores juvenis podem introduzir atividades que reforcem a comunicação e as competências sociais (por exemplo, assertividade, comunicação não agressiva, expressão de necessidades). É fundamental proporcionar às crianças ferramentas para resolverem divergências e verbalizarem as suas necessidades. Os líderes de grupo e os facilitadores juvenis desempenham um papel essencial no apoio às crianças na resolução de conflitos.
- **Brincadeiras cooperativas:** Os jogos cooperativos ajudam a criar laços entre as crianças participantes, promovendo um sentimento de união. Conseguir algo em conjunto e atingir um objetivo comum pode reforçar a confiança e o sentimento de pertença. É fundamental que as tarefas cooperativas não sejam demasiado difíceis, nem para a maioria nem para os grupos minoritários.
- **Jogos de movimento/atividades físicas:** Os jogos que envolvem movimento e atividade física são ideais para as primeiras partes das sessões (ver: «Check-in» e «Arrefecimento»), ajudando a reduzir o stress e a concentrar a atenção uns nos outros. Estes jogos são fáceis de praticar e podem unir o grupo de uma forma divertida.

No âmbito de cada uma destas atividades, e de acordo com o tema escolhido pelos líderes de grupo para cada sessão, os facilitadores jovens devem envolver as crianças nos tópicos descritos no Capítulo 5.5, «Material de Formação». Para tal, devem utilizar as atividades sugeridas no Capítulo 5, «Atividades para Crianças», do Kit de Ferramentas. Esta abordagem garante que os temas selecionados sejam abordados de forma eficaz através de exercícios estruturados e significativos, que se alinham com os objetivos do programa.

6.4. Gestão de riscos

A gestão de riscos é o processo de identificação, avaliação e priorização de riscos potenciais que possam afetar o sucesso de um projeto. No contexto da iniciativa T4I, a gestão de riscos reveste-se de particular importância devido ao envolvimento de diversas partes interessadas (crianças, animadores juvenis, pais, professores e profissionais de ONG). Os riscos potenciais podem variar desde questões logísticas, tais como conflitos de horários e disponibilidade de recursos, até desafios mais complexos, como mal-entendidos culturais ou resistência a práticas inclusivas. Ao identificar estes riscos numa fase precoce e desenvolver estratégias abrangentes para os abordar, o projeto T4I pode garantir que tanto a fase de formação como a de intervenção sejam implementadas de forma eficaz e que todos os participantes recebam apoio ao longo de todo o processo. Esta abordagem ajuda a criar um ambiente estável e de apoio, tanto para os facilitadores jovens como para as crianças, contribuindo, em última análise, para o sucesso do projeto.

Nesta secção, apresentaremos riscos específicos e possíveis soluções com base nas experiências do projeto-piloto T4I, adaptadas para ajudar a ultrapassar estes desafios de forma eficaz. Além disso, os riscos podem ser específicos ao contexto de cada projeto T4I. Por isso, aconselhamos que se reúna com a sua equipa logo no início para identificar possíveis problemas que possam surgir na sua situação específica.

Descrição do Risco	Medidas propostas para a mitigação de riscos
Os animadores juvenis e as crianças abandonam o programa	Se os animadores infantis e juvenis começarem a faltar às atividades planeadas ou a demonstrar falta de motivação, é importante conversar com cada um deles individualmente para compreender o motivo. Adaptar as atividades aos seus interesses e necessidades pode aumentar a sua motivação para participar. Além disso, podem existir problemas técnicos, como dificuldades de transporte, que podemos resolver.
Falta de envolvimento por parte dos professores, dos pais ou dos animadores juvenis	Convocar uma reunião inicial para explicar o objetivo e a execução das atividades a todas as partes interessadas (exceto as crianças) é fundamental para demonstrar o papel essencial que desempenham no sucesso do projeto. Envolver pais, professores e animadores juvenis no planeamento e na execução das atividades irá proporcionar-lhes um sentimento de pertença e motivação para participar.

Dificuldade em planejar atividades	Na reunião inicial, deve discutir-se a disponibilidade de todos os envolvidos e definir-se o calendário completo de atividades. Desta forma, é possível adaptar e alternar a participação dos pais, professores e animadores juvenis de acordo com a sua disponibilidade, garantindo que haja sempre alguém presente ao longo do programa, mas não todos em simultâneo. Se o programa T4I for implementado na escola, uma sugestão é integrá-lo numa unidade curricular complementar.
Conflitos na participação de facilitadores jovens de diferentes origens	Se surgir um conflito durante a Formação de Facilitadores Jovens ou nas atividades infantis, os profissionais das ONG ou os professores devem falar com os envolvidos em particular para compreender a causa. Garantir uma comunicação aberta e assertiva é fundamental para a resolução de conflitos. Além disso, a comunicação assertiva para a gestão de conflitos é um tema específico a abordar ao longo da intervenção, pelo que esta será uma oportunidade para apoiar os jovens na aplicação prática do que aprenderam.
As crianças são passivas e não querem participar nas atividades	O medo do desconhecido pode ser um fator limitante e impedir as crianças de participarem ativamente. As crianças provenientes de meios desfavorecidos demonstram frequentemente falta de coragem para participar em atividades. Se uma atividade estiver fora da zona de conforto das crianças envolvidas, estas não devem ser pressionadas, mas sim convidadas a permanecer numa posição de observação para se familiarizarem com a atividade ou situação.

Referências

7. Referências

- Aarsæther, F. (2021). Learning environment and social inclusion for newly arrived migrant children placed in separate programmes in elementary schools in Norway. *Cogent education*, 8(1), 1932227.
- Alan, S., Baysan, C., Gumren, M., & Kubilay, E. (2021). Building social cohesion in ethnically mixed schools: An intervention on perspective taking. *The Quarterly Journal of Economics*, 136(4), 2147-2194.
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Addison-Wesley.
- Amado, A. N., Stancliffe, R. J., McCarron, M., & McCallion, P. (2013). Social inclusion and community participation of individuals with intellectual/developmental disabilities. *Intellectual and developmental disabilities*, 51(5), 360-375.
- Bempechat, J. (1992). The role of parent involvement in children's academic achievement. *The school community journal*, 2(2), 31-41.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Harvard University Press.
- Bunglowala, A., & Bunglowala, A. (2015). Nonverbal communication: An integral part of the teaching-learning process. *International Journal of Research in Advent Technology*, 1(1), 371-375.
- Cabello González, R., Fernández-Berrocal, P., Ruiz-Aranda, D., & Extremera, N. (2006). Una aproximación a la integración de diferentes medidas de regulación emocional. *Ansiedad y Estrés*, 12(2-3), 155-166.
- Cooper, C. S., & McEvoy, M. A. (1996). Group friendship activities: An easy way to develop the social skills of young children. *Teaching Exceptional Children*, 28(3), 67-69.
- Cooper, R. (2001). *Cooperative learning programs and multicultural education: Improving intergroup relations*. Multicultural education: Issues, politics and practices/Information Age publishing.
- Council of Europe & European Commission. (n.d.). Social inclusion. Partnership between the European Commission and the Council of Europe in the field of youth. Retrieved December 1, 2024, from <https://pjp-eu.coe.int/en/web/youth-partnership/social-inclusion>

Crisis Prevention Institute. (2016). How to set limits. Retrieved from https://dhhr.wv.gov/bms/Programs/WaiverPrograms/TBIW/Documents/Training/PDF_HSL.pdf

Denham, S. A., Wyatt, T. M., Bassett, H. H., Echeverria, D., & Knox, S. S. (2009). Assessing social-emotional development in children from a longitudinal perspective. *Journal of Epidemiology & Community Health*, 63(Suppl 1), i37-i52.

Edukino. (2023). *Image education program*. Erasmus+ Program. Retrieved from https://edukino.assoc.ro/wp-content/uploads/2023/06/IO2_EN.pdf

Extra C. (2024). *Promoting the democratic participation of young people with disabilities*. Erasmus+ Program. Retrieved from https://www.extra-c-project.eu/wp-content/uploads/2024/03/Extra_C_Final_Manual.pdf

Galabuzi, G. E. (2004). Social exclusion. *Social determinants of health: Canadian perspectives*, 235-251.

Goleman, D. (2011). *The brain and emotional intelligence: New insights* (Vol. 94). More Than Sound.

González-Falcón, I., Arroyo-González, M. J., Berzosa-Ramos, I., & Dusi, P. (2022). I do the best I can: The role of immigrant parents in their children's educational inclusion. *Frontiers in Education*, 7. <https://doi.org/10.3389/feduc.2022.1006026>

Harter, S. (1988). *Self-perception profile for adolescents: Manual and questionnaires*. University of Denver.

Harter, S. (1999). *The construction of the self: A developmental perspective*. Guilford press.

Hood, W., Bradley, G. L., & Ferguson, S. (2016). Mediated effects of perceived discrimination on adolescent academic achievement: A test of four models. *Journal of Adolescence*, 54(1), 82–93. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2016.11.011>

Inn2Diversity. (2022). *Training curricula for mentor's coordinators and mentors*. Erasmus+ Program. Retrieved from https://www.inn2diversity.org/uploads/1/2/3/6/123661942/i2d_io4_training_curricula_for_mentors_coord_eng.pdf

Joshi, S. (n.d.). Chapter 3 - Barriers to effective communication. Retrieved from <https://aissmschmct.in/wp-content/uploads/2021/05/BHMCT-Sem-I-Communication-Skills-English-C106-Chapter-3-Barriers-of-communication-notes.pdf>

- Juvonen, J., Lessard, L. M., Rastogi, R., Schacter, H. L., & Smith, D. S. (2019). Promoting social inclusion in educational settings: Challenges and opportunities. *Educational Psychologist*, 54(4), 250-270.
- Krauss, S. E., & Suandi, T. (2008). The potential of youth workers as facilitators of values formation and development. *Commonwealth Youth and Development*, 6(1), 2-14.
- Kymlicka, W. (1995). *Multicultural citizenship: A liberal theory of minority rights*. Clarendon Press.
- Lachowicz-Tabaczek, K., & Śniecińska, J. (2011). Self-concept and self-esteem: How the content of the self-concept reveals sources and functions of self-esteem. *Polish Psychological Bulletin*, 42(1), 24-35.
- Lister, R. (1998). Citizenship on the margins: Citizenship, social work and social action. *European Journal of Social Work*, 1(1), 5-18.
- Malberg, N. T., Stafler, N., & Geater, E. (2012). Putting the pieces of the puzzle together: A mentalization-based approach to early intervention in primary schools. *Journal of Infant, Child, and Adolescent Psychotherapy*, 11(3), 190-204.
- Matalinares Calvet, M. L., Arenas Iparraguirre, C., Dioses Chocano, A., Muratta Escobedo, R., Pareja Fernández, C., Díaz Acosta, G., García Núñez del Arco, C., Diego Cueva, M., & Chávez Zamora, J. (2005). Inteligencia emocional y autoconcepto en colegiales de Lima Metropolitana. *Revista de Investigación en Psicología*, 8(2), 41-55.
- Mayer, J. D., Salovey, P., Caruso, D. R., & Sitarenios, G. (2001). Emotional intelligence as a standard intelligence. *Emotion*, 1(3), 232-242. <https://doi.org/10.1037/1528-3542.1.3.232>
- Messing, V. (2017). Differentiation in the making: Consequences of school segregation of Roma in the Czech Republic, Hungary, and Slovakia. *European Education*, 49(1), 89-103.
- Pettigrew, T. F., & Tropp, L. R. (2006). A meta-analytic test of intergroup contact theory. *Journal of personality and social psychology*, 90(5), 751.
- Radó, P. (2017). Roma Students in the Hungarian Educational System. In *Ethnic Minorities and Inter-ethnic Relations in Context* (pp. 249-271). Routledge.
- Salovey, P., & Mayer, J. D. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, cognition and personality*, 9(3), 185-211.

Salovey, P., Stroud, L. R., Woolery, A., & Epel, E. S. (2002). Perceived emotional intelligence, stress reactivity, and symptom reports: Further explorations using the trait meta-mood scale. *Psychology and health*, 17(5), 611-627.

Selye, H. (1975). Confusion and controversy in the stress field. *Journal of human stress*, 1(2), 37-44.

Sen, A. (2007). *Identity and violence: The illusion of destiny*. Penguin Books India.

ShareN(e)et. (2023). Learning resources catalogue - ShareN(e)et: European Alliance to develop disadvantaged groups' soft skills. Erasmus+ Program. Retrieved from <https://www.shareneet-euproject.org/results.html>

Siegel, D. J. (1999). *The developing mind: How relationships and the brain interact to shape who we are*. Guilford Press.

Solomon, C. (2024). Undergraduate facilitators as role models for middle school learners within an AI summer camp. In *Proceedings of the 55th ACM Technical Symposium on Computer Science Education, Volume 2 (SIGCSE 2024)*. ACM. <https://doi.org/10.1145/3626253.3635395>

Vaz Serra, A. (1988). Atribuição e auto-conceito. *Psychologica*, 1, 127–141. Retrieved from https://www.uc.pt/site/assets/files/701244/atribuicao_e_auto-conceito_-_adriano_vaz_serra.pdf

Veland, J., Midthassel, U. V., & Idsoe, T. (2009). Perceived socio-economic status and social inclusion in school: Interactions of disadvantages. *Scandinavian Journal of Educational Research*, 53(6), 515-531.

Thoresen, C. E., & Eagleston, J. R. (1983). Chronic stress in children and adolescents. *Theory into practice*, 22(1), 48-56.

Tristani, L. K. (2019). *Taking steps to inclusion* (Doctoral dissertation). York University. Retrieved from <https://yorkspace.library.yorku.ca/server/api/core/bitstreams/b0e84318-7996-4298-9031-6fa15bcbb3b5/content>

Tuckman, B. W. (1965). Developmental sequence in small groups. *Psychological bulletin*, 63(6), 384.

Yuliani, E. M., Etika, A. N., Suharto, I. P. S., & Nurseskasatmata, S. E. (2020, October). Analysis of assertive communication skills in adolescents' health with aggressive behavior. In *Proceedings of the 3rd International Conference on Social Sciences (ICSS 2020)* (pp. 232–236). Atlantis Press. <https://doi.org/10.2991/assehr.k.201014.050>



CC BY-NC-SA 4.0

This work is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>